

📍 Itaúnas | Espírito Santo | Brasil



PROTURES

ITAÚNAS

PROGRAMA DE ORDENAMENTO DO
TURISMO RESPONSÁVEL DE ITAÚNAS

EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS SUSTENTÁVEIS

REALIZAÇÃO



APOIO



EXECUÇÃO



PROTURES ITAÚNAS

PROGRAMA DE ORDENAMENTO DO TURÍSTICO RESPONSÁVEL

O PROTURES ITAÚNAS (Programa de Ordenamento do Turismo Responsável de Itaúnas) nasceu da necessidade de estruturar, de forma participativa e tecnicamente embasada, o desenvolvimento turístico de um dos destinos mais singulares do Espírito Santo.

A Vila de Itaúnas reúne um patrimônio natural e cultural de rara densidade: dunas que soterraram uma vila inteira, um parque estadual de alto valor ecológico, comunidades quilombolas e indígenas ativas, e uma identidade cultural construída em torno do forró de raiz.

A Fase 01 do programa, executada pela SubHike Brasil, entre os meses de julho e novembro em 2025, combinou inventário técnico georreferenciado, pesquisa de gabinete e escuta qualificada de moradores, empreendedores e gestores públicos para mapear atrativos naturais e culturais, avaliar a maturidade ESG e SGS dos serviços de ecoturismo e turismo de aventura, e lançar as bases de uma governança local participativa.

Os resultados confirmam um território com potencial turístico robusto e subutilizado. A oferta está concentrada em produtos âncora, com forte sazonalidade e pressão localizada sobre ecossistemas frágeis, que formam um portfólio amplo, ainda pouco estruturado e comunicado. Equacionar essa assimetria é o desafio central que este programa se propõe a enfrentar.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	02
ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA	03
A ESTRUTURA DAS EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS	06
ETAPAS DAS EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS	06
APRENDIZADO, SENTIDOS E SENTIMENTOS	06
PROTOCOLOS	06
RECURSOS HUMANOS	07
RECURSOS ESTRUTURAIIS	07
INFORMAÇÕES ADICIONAIS	07
METODOLOGIA DE ELABORAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS	08
LOGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA	08
DIMENSÕES CONCEITUAIS	10
ANÁLISE DIMENSIONAL DAS EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS	12
SÍNTESE DAS EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS	15
ETS 01: CANOAGEM ANCESTRAL RIBEIRINHA	16
ETAPAS, APRENDIZADOS E SENTIDOS	17
SENTIMENTOS E EMOÇÕES	18
LÓGICA INTERNA	18
ANALISE DIMENSIONAL	20
PROTOCOLOS, RECURSOS E ESTRUTURAIIS E INFORMAÇÕES	21



As imagens contidas neste documento são registros reais do território, representados artisticamente por meio da técnica de linoleogravura. Elas capturam a essência e as características autênticas da paisagem local sob uma perspectiva artística tradicional.

ETS 02: MEMÓRIAS E SABORES DO ANGELIM	22
ETAPAS, APRENDIZADOS E SENTIDOS	23
SENTIMENTOS E EMOÇÕES	24
LÓGICA INTERNA	24
ANALISE DIMENSIONAL	26
PROTOCOLOS, RECURSOS E ESTRUTURAS E INFORMAÇÕES	27
ETS 03: CAMINHOS DA CULTURA PATAXÓ	28
ETAPAS, APRENDIZADOS E SENTIDOS	29
SENTIMENTOS E EMOÇÕES	30
LÓGICA INTERNA	30
ANALISE DIMENSIONAL	32
PROTOCOLOS, RECURSOS E ESTRUTURAS E INFORMAÇÕES	33
ETS 04: CIRCUITO RAÍZES ITAUNENSES	34
ETAPAS, APRENDIZADOS E SENTIDOS	35
SENTIMENTOS E EMOÇÕES	36
LÓGICA INTERNA	36
ANALISE DIMENSIONAL	38
PROTOCOLOS, RECURSOS E ESTRUTURAS E INFORMAÇÕES	39
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	42



Este programa é executado pela SubHike Brasil, empresa de consultoria e treinamento especializada em turismo de natureza, atuando na curadoria de experiências turísticas sustentáveis e seguras, contribuindo para que negócios e destinos adotem estratégias que valorizam o patrimônio natural e cultural.



@subhikebrasil



As imagens contidas neste documento são registros reais do território, representados artisticamente por meio da técnica de linoleogravura. Elas capturam a essência e as características autênticas da paisagem local sob uma perspectiva artística tradicional.

APRESENTAÇÃO

Esta síntese consolida dados do relatório técnico da metodologia utilizada na consultoria em turismo responsável realizada no âmbito do PROTURES Itaúnas, que reposiciona a oferta do eixo logística-operacional para o design de experiência turística.

Desenvolvida pela SUBHIKE BRASIL LTDA., a metodologia de Experiências Turísticas Sustentáveis (ETS) é ancorada na Economia da Experiência, abordagem fenomenológica e Design Centrado no Humano, a proposta privilegia autenticidade territorial, imersão sensorial, aprendizado, engajamento emocional, participação ativa, sustentabilidade e ética socioambiental, articuladas por storytelling de anfitriões.

As Experiências Turísticas Sustentáveis são estruturadas em dez tópicos e etapas alinhadas ao mapeamento da jornada do turista, otimizando visão sistêmica, gestão de expectativas e coerência de narrativas associadas a lógica interna do turismo de natureza, utilizando dimensões conceituais que por sua vez apresentam uma triade de variáveis.

A FASE 01 do PROTURES Itaúnas concebeu o desenho estrutural de quatro experiências de referência, abertas à adoção - não exclusiva. Estas experiências representam sugestões técnicas fundamentadas nas possibilidades do destino, disponíveis para implementação por qualquer prestador de serviço, sem exclusividade. O Comitê Gestor oferece este portfólio como base para o

desenvolvimento local, permitindo adaptações desde que respeitada a integridade dos protocolos metodológicos.

A viabilidade de cada operação, contudo, depende diretamente do comprometimento do empreendedor com a capacitação técnica de sua equipe e com os investimentos indispensáveis em infraestrutura e recursos humanos.





ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA

A roteirização turística tradicional está ancorada em uma lógica predominantemente logística e operacional. O objetivo central é organizar fluxos: otimizar deslocamentos, encaixar o maior número possível de atrações em janelas de tempo reduzidas e articular transporte, hospedagem e serviços em pacotes coerentes, alinhados à capacidade de carga e à viabilidade operacional dos destinos. O turismo é tratado como um sistema de engrenagens, no qual a criação de roteiros funciona como uma ferramenta de engenharia de fluxos.

Nessa abordagem, o foco recai sobre o atrativo físico e seu encadeamento espacial; a experiência subjetiva do visitante torna-se uma variável secundária. O turista é visto principalmente como um consumidor de serviços e equipamentos, e o planejamento concentra-se no circuito a ser percorrido, não na qualidade

emocional e cognitiva da vivência. A nova modelagem de experiências turísticas reconfigura esse paradigma. Baseada na Economia da Experiência (Pine & Gilmore), na fenomenologia do turismo (Cohen, Li) e no Design Centrado no Humano (Dorst), ela desloca o eixo da eficiência operacional para o valor da vivência: interessa menos quantos pontos serão visitados e mais quais significados, emoções e aprendizados serão gerados. A viagem passa a ser gerida como uma jornada imersiva, e não como uma mera sequência de paradas.

No Brasil, o projeto "Tour da Experiência" (Sebrae/MTur) consolidou essa mudança ao posicionar a cultura local, as narrativas e a sustentabilidade como ativos centrais da oferta. A essência das experiências contemporâneas está em transformar o visitante em protagonista. Isso implica:

- Privilegiar a autenticidade e a identidade local, por meio do contato direto com moradores, saberes tradicionais, culinária e paisagens

identitárias;

- Desenhar um envolvimento sensorial deliberado, ativando visão, audição, olfato, paladar e tato para ampliar a presença e a memorização;
- Promover o aprendizado e o crescimento pessoal, trazendo novas habilidades e novas lentes sobre o território, a sociedade e o ambiente;
- Incentivar a interatividade e a cocriação por meio de oficinas, rituais, circuitos participativos e experiências práticas;
- Integrar, de forma inegociável, a sustentabilidade ambiental, a equidade social e o fortalecimento da economia local.

O planejamento de experiências atua como uma curadoria de estímulos (ambientação, linguagem, hospitalidade, objetos, ritmos) que reforçam a narrativa pretendida e eliminam interferências negativas que possam quebrar a imersão do visitante.

Nesse contexto, a construção de narrativas torna-se a infraestrutura estratégica da jornada. Histórias enraizadas em pessoas, lugares e memórias provocam os seguintes impactos:

- Geram conexão emocional e empatia, criando um senso de pertencimento do visitante à história do destino;
- Conferem densidade simbólica, evitando experiências superficiais ou meramente fotográficas;
- Transformam informações dispersas (dados históricos, ambientais e culturais) em conhecimento integrado, fácil de lembrar e compartilhar;
- Constroem diferenciação competitiva, posicionando a oferta como uma

vivência singular e com maior valor percebido;

- Estimulam a participação ativa, podendo catalisar posturas mais responsáveis e engajamento com a comunidade anfitriã.

Narrativas bem arquitetadas alinham o percurso físico à trajetória emocional e cognitiva do visitante. Elas permitem desenhar, para cada momento da experiência, quais aprendizados, sentidos e emoções deseja-se ativar.

O aprendizado é um dos principais resultados de uma experiência turística de alta qualidade. Ao reconhecer a singularidade de cada visitante (sob a perspectiva fenomenológica), o turismo passa a ser entendido como um processo de construção de significados: amplia o repertório cultural, aprofunda o autoconhecimento, estimula a empatia e pode induzir mudanças de comportamento, como maior consciência ambiental, respeito à diversidade e engajamento comunitário.

Em um mercado saturado, experiências que entregam autoconhecimento e transformação oferecem uma vantagem competitiva robusta, elevando a disposição do cliente em investir no roteiro e incentivando um turismo mais ético e sustentável.

Os cinco sentidos são tratados como ferramentas estratégicas de planejamento, e não como uma consequência aleatória. A estimulação articulada de visão, audição, olfato, paladar e tato, conectada ao sistema límbico, fortalece o registro emocional e a lembrança de longo prazo.

Um aroma, uma textura ou um som podem tornar-se marcos de memória da viagem. No ecoturismo e no turismo de natureza, sentir a textura da areia, ouvir a fauna, provar alimentos locais ou cheirar a vegetação nativa potencializa a compreensão ecológica e reforça o vínculo afetivo com o território.

A experiência multissensorial, alinhada ao marketing sensorial e ao planejamento de experiências, converte o consumo passivo em vivência ativa. Isso gera relatos espontâneos mais ricos, fortalecendo a divulgação boca a boca.

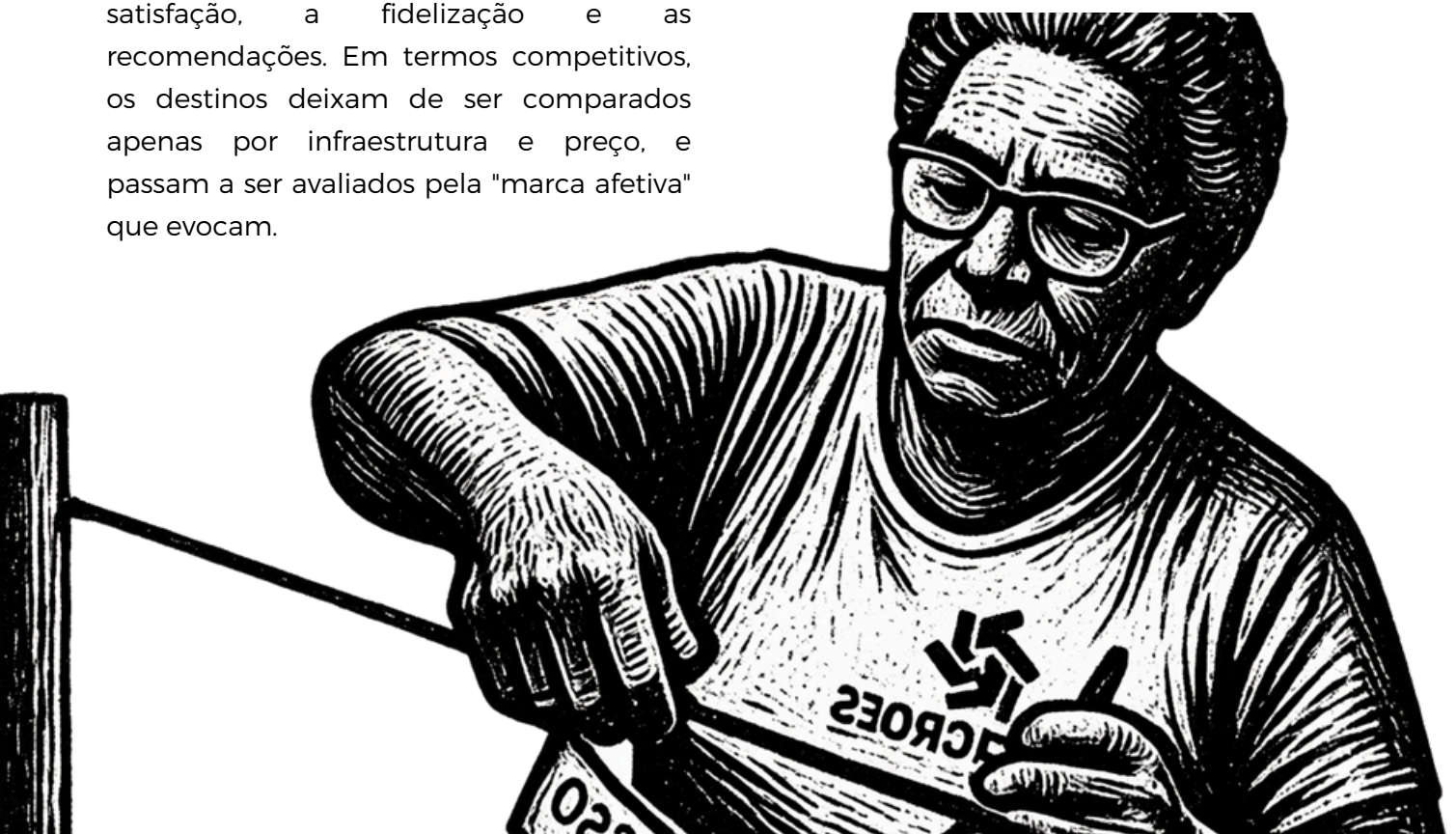
A dimensão emocional é o núcleo da proposta de valor de experiências bem desenhadas. As emoções organizam a memória e atribuem sentido ao vivido: experiências que despertam alegria, admiração, ternura, tranquilidade ou pertencimento são codificadas com maior intensidade e recuperadas com mais frequência na mente do viajante.

Essa densidade afetiva sustenta a satisfação, a fidelização e as recomendações. Em termos competitivos, os destinos deixam de ser comparados apenas por infraestrutura e preço, e passam a ser avaliados pela "marca afetiva" que evocam.

Planejar a jornada emocional – definindo quais sentimentos se quer acionar em cada etapa, do acolhimento à despedida – permite que o visitante se reconheça como protagonista de sua trajetória interna, e não apenas como um usuário de serviços.

Quando a vivência é concebida para provocar reflexão, aliviar o estresse, inspirar admiração ou reforçar propósitos, ela contribui diretamente para o bem-estar e para a saúde mental, agregando valor intangível ao produto final.

Na lógica da Economia da Experiência, são exatamente essas emoções, articuladas a aprendizados e narrativas, que constituem a principal moeda de troca. Empreendimentos e destinos capazes de orquestrar, de forma consistente, contextos que gerem emoções positivas, reflexões e vínculos com o território constroem uma vantagem competitiva duradoura, reputação robusta e maior sustentabilidade econômica, social e ambiental de suas operações.



ESTRUTURA DAS EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS

Planejar a jornada emocional – definindo quais sentimentos se quer acionar em cada etapa, do acolhimento à despedida – permite que o visitante se reconheça como protagonista de sua trajetória interna, e não apenas como um usuário de serviços. Quando a vivência é concebida para provocar reflexão, aliviar o estresse, inspirar admiração ou reforçar propósitos, ela contribui diretamente para o bem-estar e para a saúde mental, agregando valor intangível ao produto final.

Na lógica da Economia da Experiência, são exatamente essas emoções, articuladas a aprendizados e narrativas, que constituem a principal moeda de troca. Empreendimentos e destinos capazes de orquestrar, de forma consistente, contextos que gerem emoções positivas, reflexões e vínculos com o território constroem uma vantagem competitiva duradoura, reputação robusta e maior sustentabilidade econômica, social e ambiental de suas operações.

ETAPAS DAS EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS

A segmentação em etapas é um recurso estratégico que funciona para estruturar a jornada, qualificar cada ponto de contato e assegurar a coerência das ações, desde a inspiração inicial do visitante até o seu retorno. Alinhado ao mapeamento da jornada e ao planejamento de estímulos (Pine & Gilmore), esse planejamento faseado garante uma narrativa imersiva, protocolos operacionais robustos,

identificação de pontos críticos, personalização contextual, indicadores de avaliação por fase e uma gestão inteiramente orientada ao desempenho e à satisfação do visitante.

APRENDIZADO, SENTIDOS E SENTIMENTOS

A concepção das experiências integra aprendizado, sentidos e sentimentos, transcendendo a mera visitação contemplativa. A fenomenologia (Cohen, Li) e a Economia da Experiência (Pine & Gilmore) fundamentam a organização dessas vivências memoráveis.

As narrativas extraídas de cada uma das etapas permitem planejar quais aprendizados, sentidos e emoções serão despertados. A SUBHIKE BRASIL LTDA. adere rigorosamente a conceitos técnicos e literários consolidados, utilizando a definição de Turismo de Natureza da Organização Mundial do Turismo (OMT) como alicerce para estruturar vivências autênticas e responsáveis.

PROTOCOLOS

A estruturação das experiências integra protocolos obrigatórios para garantir a segurança, o bem-estar e a transparência das atividades. Diretrizes de saúde, direitos do consumidor e sustentabilidade são os pilares dessa organização. Informações práticas detalhadas para os visitantes (como vestimenta adequada, normas de segurança e regras de comportamento)

e para os anfitriões (orientações sobre preparação, conduta e gestão da capacidade de carga) asseguram uma execução fluida, segura e controlada. Esses protocolos solidificam a confiança, a autenticidade e a qualidade do destino, alinhando-se diretamente aos princípios do turismo responsável.

RECURSOS HUMANOS

A excelência dos Recursos Humanos é intrínseca ao sucesso das experiências. O profissional de turismo, como protagonista do atendimento, transforma o serviço em um momento memorável. Seu conhecimento e sua experiência prática agregam valor ao roteiro, interpretam o atrativo e personalizam o atendimento, atingindo plenamente os objetivos de aprendizado propostos.

No escopo do projeto, definem-se claramente as atribuições, o perfil ideal e a quantidade de colaboradores necessários, considerando tanto as competências técnicas quanto as habilidades comportamentais, o que garante vivências autênticas, seguras e de alta qualidade.

RECURSOS ESTRUTURAIS

A seção de Recursos Estruturais detalha os elementos físicos e materiais indispensáveis para a execução eficaz das atividades. Abrange a infraestrutura física

local, os requisitos de segurança exigidos, os materiais e equipamentos específicos (como alimentação e apoio educativo) e os recursos administrativos necessários (sistemas de pagamento e cadastros de clientes). O detalhamento dessas informações garante que a experiência seja completa, segura, organizada e plenamente realizável, alinhando perfeitamente a infraestrutura de apoio à sustentabilidade ambiental.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Esta seção detalha o estado atual de conservação do atrativo, a melhor época para visitação (distinguindo os períodos de baixa e alta temporada), o perfil ideal do visitante (características, faixa etária, condições físicas e nível de conhecimento prévio) e as contraindicações da atividade (perfis incompatíveis ou restrições médicas).

A política de cancelamento também é minuciosamente explicada, abordando os procedimentos operacionais, as condições climáticas adversas e as regras de reagendamento, tudo em conformidade com as normas técnicas e as boas práticas do setor.

Por fim, a seção sugere a complementariedade do roteiro com outras experiências regionais, otimizando o tempo e enriquecendo a viagem do visitante.

METODOLOGIA DE ELABORAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS SUSTENTÁVEIS

A concepção das experiências vai além de uma roteirização superficial, adotando um planejamento técnico e integrado. Este modelo organiza os recursos locais em produtos coerentes, respeitando as dinâmicas operacionais e as exigências do mercado atual.

A metodologia elimina visões puramente subjetivas, estabelecendo critérios claros de validação e controle de qualidade. Desse modo, alinha a oferta aos conceitos consolidados do setor, garantindo integridade e sustentabilidade, o que prepara o terreno para a aplicação prática das diretrizes do turismo de natureza.

LOGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA

As experiências da SUBHIKE BRASIL aderem rigorosamente à lógica interna de cada segmento turístico, assegurando autenticidade e integridade conceitual do começo ao fim.

Para evitar a falta de clareza nos termos, nossa metodologia busca precisão e profundidade, fundamentando-se na classificação técnica do turismo e nas tendências contemporâneas de mercado,

como a sustentabilidade, a autenticidade e a personalização. A base conceitual adotada é a definição de Turismo de Natureza estabelecida pela Organização Mundial do Turismo (OMT), que atua como um controle de qualidade e valida a coerência entre o que é proposto e o que é entregue aos viajantes:

"São todas as formas de turismo baseadas na natureza, nas quais a principal motivação dos turistas é a observação e apreciação da natureza, bem como as culturas tradicionais predominantes nas áreas naturais."

Essa definição é crucial por sua dualidade: a natureza é a protagonista, exigindo experiências sensoriais e imersivas; e a cultura local é parte intrínseca do processo, valorizando os moradores e anfitriões como os verdadeiros guardiões do território.

Dentro do Turismo de Natureza, exploramos quatro forma - ou segmentos estruturais - cujos conceitos consolidados orientam a identificação e o aproveitamento das oportunidades oferecidas pelo destino.

FORMAS/SEGMENTOS	CONCEITO
TURISMO CULTURAL	"Atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, promovendo e valorizando os bens materiais e imateriais da cultura. "
ECOTURISMO	"É um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural , incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente , promovendo o bem-estar das populações. "
TURISMO RURAL	"É um conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural , comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços , resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade."
TURISMO DE AVENTURA	"Compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo , que envolvam riscos avaliados , controlados e assumidos."

Fonte: Ministério do Turismo, Brasil, 2009

Para cada um desses segmentos, aplicamos três critérios estratégicos de validação, que representam a engrenagem interna de cada modalidade:

- O **Atrativo** (O quê): Constitui a promessa da viagem e a matéria-prima da experiência.
- O **Serviço** (Como): Representa a entrega prática e a ação do anfitrião para conectar perfeitamente o visitante ao atrativo.
- O **Diferencial** (Por quê): É o propósito central que gera o encantamento, a transformação e a fidelidade do cliente.

Esses critérios combinados formam a base que sustenta e executa a filosofia de elaboração de experiências turísticas da SUBHIKE BRASIL, garantindo a integridade e a autenticidade de todos os produtos desenvolvidos para o território.

DIMENSÕES CONCEITUAIS

As dimensões conceituais dos segmentos turísticos são os pilares, os critérios e as características essenciais que definem e diferenciam cada modalidade de turismo.

Longe de serem definições soltas, a estrutura conceitual de cada um desses quatro segmentos é sustentada por critérios de validação que formam um conjunto de três forças indissociáveis. Essas forças conferem identidade, justificam a existência e orientam a prática de cada atividade.

A seguir, apresenta-se a organização de cada um dos conceitos que fundamentam as modalidades do turismo de natureza:

TURISMO CULTURAL	
PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL	
 <p>Atrativo (Contato)</p>	<p>Representa a dimensão concreta e sensorial, implicando o uso de bens culturais de valor histórico, artístico, arquitetônico e paisagístico. É o "o quê" da experiência, colocando o turista diante da materialidade da cultura, como a beleza de uma igreja colonial ou a imponência de uma paisagem que inspirou lendas locais.</p>
VIVÊNCIA PATRIMONIAL	
 <p>Serviço (Conexão)</p>	<p>Envolve experiências participativas ou contemplativas, onde a informação se converte em emoção e aprendizado. Essa prática ganha vida por meio de roteiros afetivos e guias que humanizam o passado. O visitante se conecta com o destino ao moldar o artesanato local ou cozinhar receitas tradicionais. É "como" a cultura é transmitida, gerando memórias afetivas profundas.</p>
VALORIZAR A IDENTIDADE CULTURAL	
 <p>Diferencial (Originalidade)</p>	<p>É a dimensão mais profunda e o verdadeiro diferencial. A experiência deve reforçar e celebrar ativamente a cultura local, promovendo os símbolos da memória e da identidade das populações e comunidades, reconhecendo que cada região possui sua própria riqueza cultural a ser explorada. É o "porquê" de a experiência existir, garantindo que o turismo funcione como uma força de preservação e protagonismo comunitário.</p>
ECOTURISMO	
CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO NATURAL E CULTURAL	
 <p>Atrativo (Cuidado)</p>	<p>É a base ética, estabelecendo que a atividade turística deve contribuir ativamente para a proteção do patrimônio natural e cultural. Manifesta-se em práticas de mínimo impacto, uso sustentável de recursos e apoio a projetos de conservação, garantindo a preservação da natureza como o elemento central.</p>
CONSCIENTIZAÇÃO ATRAVÉS DA INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL	
 <p>Serviço (Educação)</p>	<p>Diferencia o ecoturismo de um simples passeio comum. O anfitrião atua como um tradutor do ecossistema, revelando as interconexões entre a fauna, a flora, o solo, a água e a cultura humana. O objetivo é que o turista adquira um novo entendimento e passe a valorizar a integração entre o ser humano e o meio ambiente.</p>
BEM-ESTAR SOCIAL DAS COMUNIDADES	
 <p>Diferencial (Inclusão)</p>	<p>O ecoturismo deve ser uma ferramenta de desenvolvimento econômico e social que fortalece a comunidade, gerando renda justa e promovendo o protagonismo local. Isso se dá com a participação ativa dos residentes na prestação de serviços, nas tomadas de decisão e na concepção dos roteiros, tornando-os sujeitos ativos e os principais beneficiários do processo.</p>

Fonte: Subhike Brasil Ltd, 2024

TURISMO RURAL	
VALORIZAÇÃO DA RURALIDADE	
 <p>Atrativo (Simplicidade)</p>	<p>Mergulha no modo de vida do campo, valorizando as atividades agrícolas, as práticas familiares, a culinária comunitária, os ciclos da natureza e a paisagem rural. Garante que o turista seja um aprendiz do que significa viver naquele ambiente, para além de uma visão romantizada, atraído pelo contato autêntico com a natureza e com o homem do campo.</p>
ACOLHIMENTO E HOSPITALIDADE	
 <p>Serviço (Gentileza)</p>	<p>É o veículo da experiência e o momento em que a agregação de valor se manifesta na prática. A hospitalidade rural envolve o acolhimento genuíno em hospedagens e restaurantes locais, no compartilhamento do manejo diário e nos produtos da agroindústria. É a transformação das refeições em um ato de comunhão, permitindo ao visitante sentir-se parte daquele universo.</p>
PROMOÇÃO DOS PATRIMÔNIOS CULTURAIS E NATURAIS	
 <p>Diferencial (Memória)</p>	<p>Reconhece a riqueza cultural e o patrimônio paisagístico do campo, incluindo manifestações tradicionais, trabalhos manuais, culinária típica, arquitetura local e os "causos" da região. Assegura uma experiência rica em história e cenários naturais, valorizando a identidade única daquele lugar como o principal diferencial na recepção do turista.</p>
TURISMO DE AVENTURA	
ESTÍMULO AO DESAFIO	
 <p>Atrativo (Crescimento)</p>	<p>Utiliza a aventura como meio para a superação pessoal e o autoconhecimento. O objetivo é gerar experiências físicas e sensoriais intensas, promovendo um sentimento de liberdade e a satisfação de superar obstáculos. O anfitrião atua como um motivador, inspirando a confiança necessária para que o participante vá além de seus limites percebidos.</p>
PROPORCIONAR A RECREAÇÃO	
 <p>Serviço (Diversão)</p>	<p>Enfatiza o caráter não competitivo da atividade, focando no aspecto lúdico e integral da experiência. A recreação é vista de forma ampla, abrangendo o bem-estar físico, emocional, intelectual e social, o que garante que a atividade seja prazerosa e enriquecedora em múltiplos níveis.</p>
GERENCIAMENTO DA SEGURANÇA	
 <p>Diferencial (Cuidado)</p>	<p>Uma gestão de segurança impecável, que respeita a capacidade dos participantes, segue estritamente as normas técnicas e adota as melhores práticas, é crucial em qualquer atividade de aventura. Este pilar permite que o visitante se entregue totalmente à experiência, sabendo que o risco é calculado, controlado e assumido em um ambiente de máximo cuidado.</p>

Fonte: Subhike Brasil Ltd, 2024

A aplicação rigorosa dos conceitos e critérios do PROTURES Itaúnas permite construir experiências turísticas autênticas, íntegras e profundas, superando expectativas e garantindo um valor real ao destino.

Com base em uma fundamentação conceitual sólida e em uma análise prática detalhada (compreendendo observação em campo, inventário técnico, mapeamento e entrevistas com os moradores locais), identificamos as atividades que estão intrinsecamente ligadas às modalidades do turismo de natureza.

A análise criteriosa de cada atividade, considerando o tempo de duração e o nível de participação do visitante, determinou a relevância de cada segmento no produto final.

Essa quantificação, expressa em porcentagens na "Lógica Interna da Experiência", evidencia a contribuição específica de cada um dos quatro segmentos para a composição e caracterização final do roteiro desenvolvido.

ANÁLISE DIMENSIONAL DAS EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS

Compreendendo essas variáveis e as demandas do público atual, a metodologia estabelece dezoito dimensões norteadoras para criar experiências marcantes e com significado. Essa abordagem permite uma avaliação minuciosa sobre como cada elemento se manifesta nos roteiros.

Sua concepção alinha-se às tendências de mercado e ao perfil do visitante contemporâneo: um público altamente conectado, exigente, que busca personalização, contato próximo com a natureza, valorização da cultura local e compromisso real com a sustentabilidade.

Após identificar e quantificar as atividades por meio de sua engrenagem interna, o PROTURES Itaúnas analisa as variáveis do turismo de natureza. Essas dimensões conceituais, extraídas dos quatro segmentos visitados, espelham as práticas locais e fornecem uma ferramenta eficiente para a estruturação clara dos novos produtos.

A análise dessas dezoito dimensões, realizada após a criação das experiências e a observação das etapas, das narrativas e dos aprendizados propostos, permitiu a esta consultoria identificar onde cada variável se manifestava no âmbito do PROTURES Itaúnas.

Caso uma variável não fosse encontrada ou se mostrasse subdimensionada, o processo orientou a modificação ou o acréscimo de elementos à experiência, visando aprimorá-la e aumentar seu valor, garantindo que todas as dimensões relevantes fossem exploradas de forma intencional e eficaz.



VIVÊNCIA PATRIMONIAL	
Esta variável foca na transformação do patrimônio histórico-cultural de um mero objeto de observação passiva em uma experiência viva e pessoal, fomentando o senso de pertencimento	
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	Processo educativo que transmite conceitos culturais, marcos históricos e narrativas locais. Exemplo: Visita guiada a um sítio arqueológico com condutor local narrando lendas e o significado dos artefatos, ou uma apresentação interativa sobre a arquitetura colonial.
EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS	Atividades que vão além da teoria, engajando diretamente o visitante com as práticas culturais da região. Exemplos: Oficinas de culinária tradicional, aulas de dança folclórica ou a participação simbólica em rituais comunitários.
ENGAJAMENTO EMOCIONAL	Prática que desperta o senso de responsabilidade, conexão e proximidade com o patrimônio, criando um vínculo afetivo real. É alcançado por meio de encontros com mestres artesãos ou pela contemplação de locais históricos com reflexão guiada.
SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL	
Esta variável estabelece a base ética da experiência, garantindo que o seu impacto seja positivo e regenerativo para o ambiente e para a sociedade local	
MINIMIZA DE IMPACTOS	Implementação de ações para o uso sustentável do patrimônio natural e cultural, reduzindo o impacto ambiental da atividade. Inclui a utilização de trilhas demarcadas, gestão correta de resíduos, uso de energias renováveis e estímulo ao consumo consciente.
RESPEITA A CULTURA LOCAL	Promoção do intercâmbio cultural e da valorização de tradições, costumes e estruturas sociais, evitando qualquer forma de apropriação inadequada. Exemplos: Orientações prévias sobre vestimentas adequadas, apoio a iniciativas de preservação da linguagem local e consumo de produtos da região.
ENVOLVE A COMUNIDADE	Garantia de participação ativa e benefícios socioeconômicos para a população local. Manifesta-se na contratação de guias e prestadores de serviços da região, na inclusão de artesãos e produtores rurais na rede de produção local, e na participação comunitária no planejamento dos roteiros.
ATIVIDADES INTERPRETATIVAS	
Esta variável consiste na arte de traduzir e decodificar a complexidade do ambiente natural e cultural para torná-lo fascinante, compreensível e memorável	
EXPERIÊNCIAS INTERATIVAS	Atividades que envolvem ativamente o visitante, estimulando a curiosidade e o pensamento crítico sobre conceitos ambientais e culturais. Exemplos: Jogos de observação da fauna e da flora, desafios de identificação de elementos naturais e uso de lupas para explorar pequenos ecossistemas.
NARRATIVAS AMBIENTAIS	Utilização de técnicas narrativas para revelar significados, interconexões e fatos científicos da natureza de forma envolvente. Inclui a contação de histórias geológicas, mitos indígenas da região e metáforas para explicar processos ecológicos complexos.
COMPREENSÃO DA NATUREZA	Conversão de informações científicas complexas em mensagens acessíveis, promovendo um entendimento profundo dos princípios ecológicos. Exemplos: Painéis informativos claros, guias especializados explicando as funções do ecossistema e demonstrações práticas de fenômenos naturais.

Fonte: Subhike Brasil Ltd, 2024

INCENTIVO À CONSERVAÇÃO	
Esta variável busca ir além da simples conscientização, transformando o visitante em um agente ativo na proteção e conservação do destino	
EDUCAÇÃO AMBIENTAL	Promoção de valores, habilidades e atitudes voltadas para a conservação da natureza e para a interação responsável em áreas protegidas. Exemplos: Oficinas sobre biodiversidade, identificação de espécies nativas e debates sobre como reduzir os impactos do turismo.
CONEXÃO AMBIENTAL	Estímulo à criação de vínculos emocionais, físicos e reflexivos com o meio ambiente, fomentando o desejo espontâneo de proteção. Atividades: Meditação guiada ao ar livre, caminhadas sensoriais e momentos dedicados à contemplação da paisagem.
MUDANÇA DE COMPORTAMENTO	Incentivo à adoção de hábitos sustentáveis que se estendem para além do período da viagem. Exemplos: Desafios internos para a redução de resíduos, estímulo ao uso de garrafas reutilizáveis e participação em ações de restauração ambiental, como o plantio de mudas nativas.
VALORIZAÇÃO DA RURALIDADE	
Esta variável celebra a autenticidade do modo de vida no campo como um contraponto à rotina urbana, oferecendo uma imersão genuína na cultura rural	
MODO DE VIDA RURAL	Destaque para a rotina que valoriza a convivência familiar e comunitária e as práticas tradicionais, vivenciada por meio da participação em atividades agrícolas diárias, no preparo de alimentos típicos ou na convivência com famílias rurais.
RELAÇÃO COM A NATUREZA	Exploração da conexão intrínseca entre as comunidades rurais e o seu entorno natural. Pode envolver caminhadas guiadas por agricultores locais, observação de técnicas de manejo sustentável e visitas a pomares ou hortas orgânicas.
ACOLHIMENTO	Oferecimento de um ambiente acolhedor e familiar que promove o senso de proximidade. Manifesta-se em hospedagens com interação direta, refeições compartilhadas à mesa e participação em rodas de conversa locais.
DESAFIO E AVENTURA	
Esta variável utiliza o corpo e o desafio como ferramentas para o autoconhecimento e o crescimento pessoal, sempre com foco na segurança	
SUPERAÇÃO DE LIMITES	Concepção de experiências individuais que incentivam a superação de desafios pessoais, cultivando sentimentos de realização e autodescoberta. Envolve caminhadas com ritmos adaptados, escalada ou rapel conduzidos por profissionais, e circuitos de arvorismo com obstáculos progressivos.
EXPERIÊNCIAS FÍSICAS E SENSORIAIS	Promove o bem-estar e a conexão corporal por meio do movimento na natureza, abrangendo desde atividades dinâmicas convencionais de aventura, até práticas simples e democráticas, como uma caminhada curta em trilha, focando sempre na percepção dos estímulos do ambiente e na exploração segura do território.
CRESCIMENTO PESSOAL E SOCIAL	Desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e intelectuais por meio de atividades desafiadoras e colaborativas, fomentando a resiliência e o trabalho em equipe. Traduz-se em dinâmicas de colaboração de grupos, noções básicas de orientação em ambientes naturais ou expedições coletivas.

Fonte: Subhike Brasil Ltda, 2024

SÍNTESE DAS EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS

A consultoria estruturou quatro produtos turísticos autênticos, resultantes de uma análise prática e detalhada que envolveu inventário, diagnóstico, hierarquização de atrativos, observação em campo e participação comunitária.

A seleção equilibrou o uso histórico local, a exemplo da canoagem e das trilhas, e a representatividade cultural, incluindo uma comunidade quilombola e uma indígena que, apesar dos desafios de conservação, destacam-se pela singularidade de seus elementos.

As experiências propostas possuem caráter abrangente e baseiam-se no potencial do destino, não sendo sua comercialização exclusiva a um único prestador de serviços. A consultoria entende que, uma vez validados e implementados, esses quatro produtos transcendem a ideia de propriedade individual e funcionam como bens coletivos.

Eles beneficiam toda a cadeia produtiva da Vila de Itaúnas, gerando fluxo de clientes que impacta desde o setor dos meios de hospedagem até os bares, restaurantes e barraqueiros locais, mesmo que estes não comercializem as atividades diretamente.

A operação prática e a venda direta dos roteiros podem ficar sob a responsabilidade dos prestadores de serviços locais, como as agências de receptivo e os condutores de turismo. Contudo, para que o modelo funcione com sustentabilidade, cada experiência requer uma governança responsável por conduzir

as etapas de simulação, testes de validação e a posterior colocação no mercado.

Nesse contexto, as atividades ligadas às trilhas e à canoagem, recomenda-se que devam ter o Parque Estadual de Itaúnas como seu tutor e organizador central. Embora as experiências sejam universais para o uso do trade, sua origem técnica deveria ser o parque, justificando-se pelo uso do Rio Itaúnas e dos caminhos da própria unidade de conservação.

A sede do Parque funcionaria como o ponto de partida oficial, ideal para a realização de alinhamentos e instruções iniciais de qualidade. Essa abordagem permitirá à gestão da unidade monitorar ativamente o fluxo de visitantes no rio e nas trilhas, além de concentrar a coleta dados e avaliações dos turistas para o aprimoramento contínuo.

Por sua vez, o desenvolvimento das experiências focadas nas comunidades tradicionais do Angelim e do povo Pataxó demanda um arranjo institucional diferenciado. É fundamental que o Comitê de Turismo atue diretamente durante a segunda fase do PROTURES Itaúnas, auxiliando na implementação e buscando viabilizar as melhorias necessárias na infraestrutura local.

Esse trabalho de fortalecimento comunitário será realizado de forma estratégica, em parceria direta com as ações da consultoria e com o suporte técnico do Sebrae.



ETS 01: CANOAGEM ANCESTRAL RIBEIRINHA

Este título sintetiza a atividade principal da experiência ("Canoagem") com a rica herança cultural e histórica ("Ancestral") e a identidade geográfica e comunitária ("Ribeirinha"). Ele captura a essência da imersão em um ambiente natural protegido, destacando a valorização dos ecossistemas locais e a importância da conservação ambiental e cultural, elementos centrais deste produto turístico.

Esta experiência turística fluvial no Rio Itaúnas compreende a recepção e briefing no Centro de Visitantes do PEI, seguido de embarque em embarcações tradicionais para navegação interpretativa pelo Rio Itaúnas. O roteiro inclui desembarque e caminhada na Ilha do Dominginhos, com oportunidade de banho, e prossegue pelo Rio Angelim até o Porto do Angelim para

lanche regional e trilha botânica. A jornada culmina com o retorno pelo Rio Itaúnas, proporcionando a contemplação do pôr do sol, e encerra com reflexão sobre conservação ambiental na sede do Parque. A atividade é direcionada a visitantes que buscam imersão cultural e natural, com foco em observação de fauna e flora, e aprendizado sobre os ecossistemas locais e a história da comunidade.

A experiência acontece no Parque Estadual de Itaúnas, abrangendo o Rio Itaúnas e o Rio Angelim. Com uma duração aproximada de 4 horas e 30 minutos, a atividade opera diariamente mediante agendamento prévio, com início às 14h00 e encerramento previsto para 18h30, recebendo um número de visitantes que varia de 2 a 12 pessoas por grupo.

ETAPAS

A experiência é estruturada em nove etapas bem definidas que conduzem o visitante desde a recepção até o encerramento, garantindo uma imersão profunda por meio de durações e horários específicos combinados a uma contextualização prática e narrativas interpretativas.

Essas histórias abordam a criação e a importância do Parque Estadual de Itaúnas, destacando o papel do rio como corredor ecológico e via histórica, além de resgatar a tradição das canoas e dos canoeiros descendentes do povo Pataxó. Ao longo da jornada, a narrativa passa pela história da Ilha do Dominginhos, a relevância de afluentes como o Rio Angelim e a observação de animais da fauna silvestre, como aves aquáticas, o jacaré-de-papo-amarelo, a lontra e a capivara.

A flora também ganha destaque com a apresentação de bromélias, orquídeas, aroeiras, ingás e árvores emblemáticas como o coité e o dendê. O percurso culmina na valorização da pesca artesanal, nos sabores da terra com os alimentos regionais e na vivência contemplativa do pôr do sol, tudo planejado para promover a conexão com a natureza e a reflexão sobre a conservação ambiental.

APRENDIZADOS

A experiência se desenvolve em cinco etapas articuladas que conduzem o visitante de um acolhimento inicial à despedida, sempre combinando narrativa, território e participação prática. O percurso

inicia com a apresentação da identidade quilombola e da relação da comunidade com sua história e seu território, avança por uma caminhada interpretativa até o Rio Angelim, aprofunda-se na vivência da mandioca e da Casa de Farinha, segue para a valorização dos sabores locais e culmina em um encerramento voltado à memória, ao legado de lideranças e ao fortalecimento do turismo de base comunitária. Ao longo do caminho, a proposta costura temas como ancestralidade, coletividade, preservação ambiental, manejo da floresta, economia local, alimentação tradicional e resiliência, construindo uma leitura integrada do modo de vida do Quilombo Angelim I e do papel da cultura na proteção do território.

SENTIDOS

Esse processo de conhecimento ocorre por meio do estímulo deliberado aos cinco sentidos, que contam com múltiplos pontos de ativação. A visão é despertada pela contemplação das canoas tradicionais, das paisagens do manguezal, da restinga e do Rio Angelim, além das cores e reflexos do entardecer. A audição capta as orientações do condutor, o som compassado das remadas na água, o canto das aves, os sons da mata, os relatos dos canoeiros e os momentos de silêncio meditativo.

O tato manifesta-se no contato com a madeira das embarcações, no uso dos equipamentos de segurança, no banho de rio, no toque nas cascas de árvores e na percepção da brisa fluvial. O paladar é brindado com a degustação de frutas tropicais, sucos, água de coco, biscoitos caseiros e produtos da agroindústria familiar, como o beiju e a pamonha.

Por fim, o olfato é estimulado pelos aromas característicos do manguezal, da água doce, da vegetação nativa e dos alimentos preparados na comunidade.

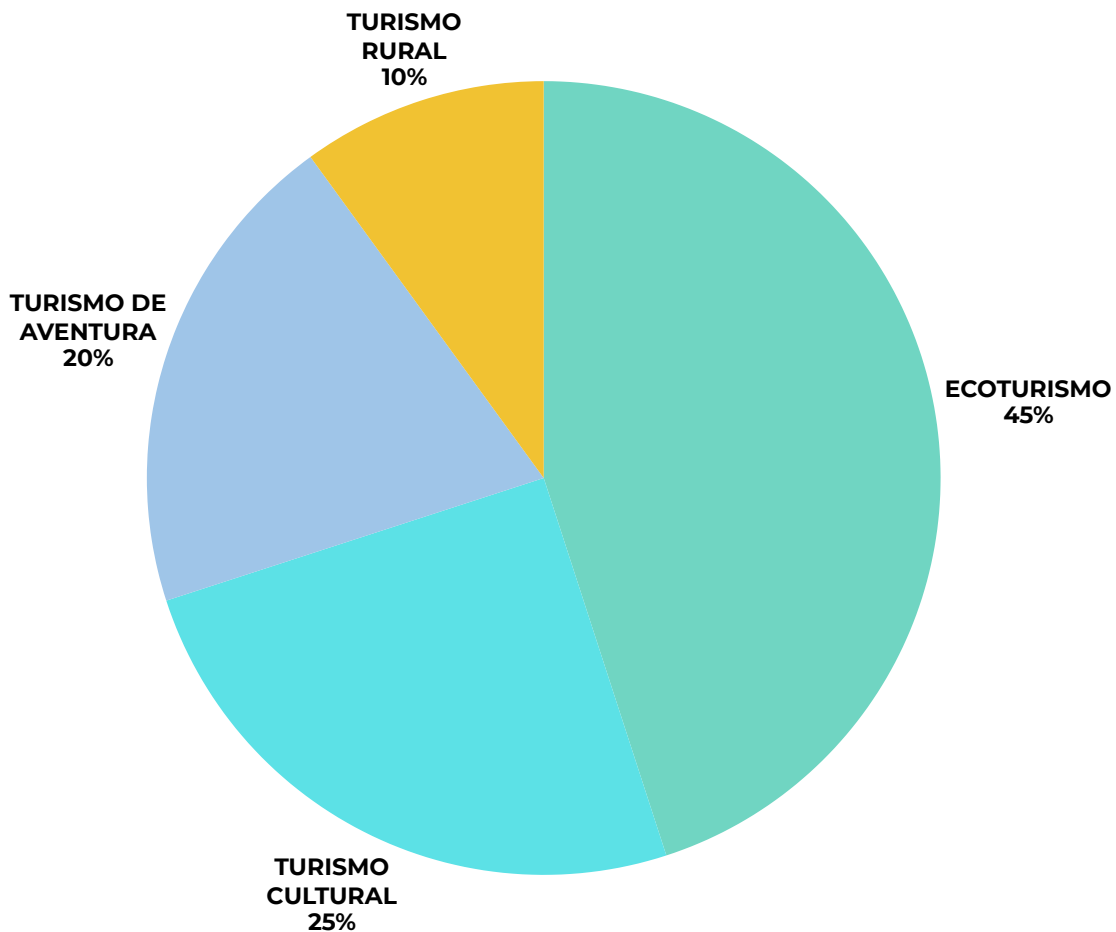
SENTIMENTOS E EMOÇÕES

Toda essa estimulação física e sensorial é desenhada para despertar nove sentimentos e emoções centrais nos participantes, consolidando uma marca afetiva duradoura. A jornada começa com o sentimento de acolhimento e a curiosidade em aprender, evoluindo para um estado de

tranquilidade e serenidade proporcionado pelo ambiente natural. À medida que o roteiro avança, criam-se laços de conexão e um profundo encantamento pela beleza cênica e pelas vivências compartilhadas.

O encerramento da atividade desperta nos visitantes a gratidão pela oportunidade e pela hospitalidade dos anfitriões, um sentimento de prazer e bem-estar físico, além de um sólido respeito pela preservação e a inspiração necessária para adotar comportamentos mais sustentáveis no dia a dia.

LÓGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA



Com 45% da composição total, o **Ecoturismo** é o eixo central da experiência “Canoagem Ancestral Ribeirinha”, porque ela ocorre integralmente no Parque Estadual de Itaúnas, uma Unidade de Conservação de Proteção Integral. Isso significa que a paisagem natural não é apenas cenário, mas parte essencial da proposta. A operação adota práticas de mínimo impacto, com grupos reduzidos, navegação controlada, proibição de coleta de espécies e restrição ao uso de produtos químicos no banho, o que revela preocupação concreta com a integridade do ecossistema fluvial. A observação não invasiva do jacaré-de-papo-amarelo, espécie ameaçada, e de mais de 140 espécies de aves reforça a dimensão educativa e conservacionista. Os condutores nativos funcionam como intérpretes ambientais, explicando as relações entre manguezal, restinga, fauna aquática e ribeirinha, além de apresentar o Rio Itaúnas como corredor ecológico vital. No fim, o visitante é estimulado a se tornar um embaixador da conservação, ampliando o alcance da experiência.

O **Turismo Cultural** se sustenta em patrimônio, interpretação e identidade. As canoas artesanais de madeira de piqui e pequi, com mais de 86 anos, representam patrimônio vivo, pois continuam em uso e são conduzidas pelos descendentes de quem as construiu. O Rio Itaúnas aparece também como via histórica de transporte da antiga Vila de Itaúnas, até meados do século XX, ligando natureza e memória. Já a Ilha do Dominginhos acrescenta uma dimensão de território tradicional, com uso produtivo desde 1985. A interpretação

patrimonial valoriza histórias locais, com as canoas pioneiras e a trajetória do patriarca Paulo Jacó. A ancestralidade Pataxó dos canoairos e a memória da Vila soterrada fortalecem a identidade cultural do roteiro e o seu sentido de pertencimento territorial.

O **Turismo de Aventura** está presente em uma forma moderada e contemplativa. O desafio existe na navegação em canoas artesanais em ambiente natural não controlado, na caminhada por terreno irregular na Ilha do Dominginhos e no retorno ao entardecer, quando a luminosidade muda e exige adaptação. Ao mesmo tempo, a experiência mantém caráter não competitivo, com foco na contemplação, no prazer da navegação e na convivência do grupo. O bem-estar é amplo, envolvendo atividade física moderada, tranquilidade, encantamento e aprendizado. A segurança é bem estruturada, com coletes salva-vidas, briefing inicial, condutores experientes, controle de riscos e embarcações em bom estado.

O **Turismo Rural** aparece como base de hospitalidade e ritmo territorial. A experiência segue o “tempo do rio”, com pausas, conversa sem pressa e observação do modo de vida ribeirinho, como pesca artesanal e uso do rio como transporte. O lanche no Porto do Angelim, com beiju, pamonha, frutas e produtos da agroindústria familiar do assentamento Paulinho, dá concretude à relação entre turismo, agricultura familiar e cultura local. Se quiser, posso transformar esse resumo em uma versão ainda mais enxuta ou mais técnica.

ANALISE DIMENSIONAL DA EXPERIENCIA

Vivência Patrimonial: A experiência mergulha o visitante na história ribeirinha por meio das canoas centenárias de piqui e pequi, da ancestralidade indígena Pataxó dos canoeiros e das narrativas sobre a Vila de Itaúnas soterrada pelas dunas. A Ilha do Dominginhos revela um território de uso tradicional anterior ao Parque, enquanto o encontro com mestres canoeiros, as lendas locais e a contemplação do pôr do sol criam vínculos emocionais profundos com a cultura ribeirinha.

Sustentabilidade Socioambiental: A operação em Unidade de Conservação de Proteção Integral impõe rigor ambiental desde a concepção. As canoas sem motor eliminam poluição sonora e química, preservando fauna aquática. A proibição de coleta de espécies e a gestão de resíduos reforçam práticas de mínimo impacto. Os canoeiros Pataxó são protagonistas e beneficiários diretos da renda gerada, sem intermediação de operadoras externas, consolidando um modelo de turismo comunitário economicamente justo e culturalmente autêntico.

Atividades Interpretativas: A navegação guiada combina observação da avifauna aquática, leitura da função ecológica do manguezal e identificação do jacaré-de-papo-amarelo como bioindicador. A trilha na Ilha do Dominginhos apresenta vegetação de restinga, espécies como coité e dendê, e interações ecológicas entre fauna e flora. No Porto do Angelim, práticas de pesca artesanal e degustação de alimentos regionais ampliam a leitura do território, conectando ecologia, cultura e modos de vida tradicionais.

Incentivo à Conservação: A educação ambiental percorre toda a experiência, abordando desmatamento nas nascentes do Rio Itaúnas, erosão, assoreamento e fragilidade da restinga. Momentos de silêncio para observação da fauna e a contemplação do pôr do sol criam vínculos afetivos com o ecossistema. O encerramento convida os visitantes a se tornarem embaixadores da conservação, conectando responsabilidade individual à proteção do Parque Estadual de Itaúnas e ao fortalecimento do turismo de base comunitária.

Valorização da Ruralidade: A experiência segue o tempo da natureza, contrastando com o ritmo urbano. A paisagem ribeirinha, com sítios, pastos e fragmentos florestais, revela o cotidiano das comunidades às margens do rio. O lanche com beiju e pamonha do assentamento Paulinho, a observação de técnicas de pesca artesanal e a hospitalidade genuína dos canoeiros reforçam a autenticidade do acolhimento rural, onde saberes, histórias e território são compartilhados com naturalidade e orgulho.

Desafio e Aventura: A navegação contra a correnteza do Rio Angelim exige esforço físico e persistência, enquanto a adaptação às águas escuras desafia inseguranças do visitante. O banho no rio, a caminhada alternando ambiente aquático e florestal e a dificuldade de avistar o jacaré estimulam paciência e atenção. A confiança depositada nos canoeiros Pataxó, o trabalho coletivo nas embarcações e a contemplação do pôr do sol promovem crescimento pessoal, colaboração e sensação de realização.

PROTOCOLOS

Os visitantes devem usar roupas leves, traje de banho, calçado aquático e camiseta com proteção UV. Entre os itens recomendados estão protetor solar biodegradável, repelente natural, chapéu, óculos de sol, garrafa reutilizável e mochila impermeável. As orientações de segurança exigem uso obrigatório de colete salva-vidas durante toda a navegação, comunicação prévia de condições de saúde e atenção no embarque e desembarque. Ambientalmente, proíbe-se coleta de espécies, alimentação de animais e geração de resíduos sem recolhimento. Restrições alimentares devem ser informadas no momento da reserva, e hidratação própria é recomendada para toda a atividade.

RECURSOS HUMANOS

A operação é conduzida por um canoeiro líder responsável por toda a navegação, briefing, narrativas históricas, interpretação ambiental, gestão do tempo e primeiros socorros. Ele deve ter domínio de navegação, certificação em primeiros socorros, conhecimento profundo da fauna, flora e história local, além de capacidade de storytelling e liderança. O canoeiro auxiliar apoia a navegação, auxilia no embarque e desembarque, reforça orientações e monitora o bem-estar dos visitantes. Para grupos de até oito pessoas, exige-se um auxiliar; de nove a doze, dois. Ambos devem ser moradores locais, preferencialmente descendentes do povo Pataxó.

RECURSOS ESTRUTURAIS

O ponto de embarque precisa ter acesso seguro às margens do rio, área sombreada para briefing, bancada para equipamentos e estacionamento próximo. As embarcações incluem canoas tradicionais de madeira em bom estado, remos suficientes e assentos confortáveis. O Porto do Angelim deve ter área de desembarque segura, espaço sombreado e acesso à trilha interpretativa. A Ilha do Dominginhos requer área de desembarque e trilha demarcada. Os equipamentos de segurança abrangem coletes salva-vidas certificados, kit completo de primeiros socorros, sistema de comunicação, lanternas, cordas de resgate e mapa impresso do percurso com rotas de evacuação.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

A experiência tem grande potencial, mas carece de capacitação técnica em segurança e de melhorias nos equipamentos. A melhor época vai de maio a setembro, com clima seco, temperaturas amenas e condições ideais para navegação e observação do pôr do sol. O período chuvoso, de outubro a abril, concentra calor, insetos e chuvas que dificultam a atividade. O visitante ideal busca ecoturismo contemplativo, respeita o ritmo da natureza e tem interesse por cultura e fauna local. A partir de seis anos, condição física leve a moderada. Não é recomendado para perfis que buscam aventura intensa, conforto urbano ou têm fobia de ambientes aquáticos.



ETS 02: MEMÓRIAS E SABORES DO ANGELIM

“Memórias e Sabores do Angelim” é uma experiência turística sustentável em território quilombola que articula caminhada interpretativa, vivência produtiva e imersão cultural. A proposta integra o deslocamento pelo território da Comunidade Quilombola Angelim, no entorno do Parque Estadual de Itaúnas, com participação ativa no processamento da mandioca em Casa de Farinha.

O roteiro começa com recepção e contextualização histórica pelos moradores, segue por trilha de baixa dificuldade até o Rio Angelim, aprofunda a experiência no universo da mandioca, avança para a degustação de produtos locais e se encerra com reflexão e despedida. A atividade dura cerca de quatro horas, ocorre em ambiente rural com infraestrutura básica, recebe grupos de quatro a doze pessoas, funciona

mediante agendamento e oferece turnos pela manhã ou à tarde.

O título foi escolhido porque reúne os dois eixos narrativos centrais da experiência. “Memórias” remete à ancestralidade, à formação do quilombo, às lutas pelo território, à organização social e à leitura da paisagem como narrativa histórica. “Sabores” destaca a dimensão agroalimentar e o patrimônio imaterial associado ao processamento da mandioca, especialmente o beiju, além de outros produtos locais.

A combinação dos termos comunica que a vivência é simultaneamente histórica, cultural, educativa, produtiva e sensorial. Ela valoriza a identidade da comunidade remanescente de quilombo e reforça a conservação do modo de vida em área rural protegida.

ETAPAS

A experiência é organizada em cinco etapas encadeadas que conduzem o visitante de um primeiro contato acolhedor até um fechamento reflexivo, combinando tempos definidos, deslocamentos curtos e diferentes formas de interação com a comunidade.

O percurso começa com a recepção e a apresentação da identidade quilombola, avança por uma trilha histórica que articula paisagem, rio e memória territorial, aprofunda-se na vivência prática da mandioca na Casa de Farinha, segue para um momento de degustação e valorização da culinária tradicional e se conclui com uma despedida marcada pela memória de lideranças, pelo fortalecimento do turismo comunitário e pela reflexão sobre futuro e resiliência.

Ao longo de todo o roteiro, as narrativas transitam entre ancestralidade, coletividade, preservação hídrica, manejo da flora nativa, saberes produtivos, economia local, alimentação orgânica e legado matriarcal, construindo uma experiência integrada, sensível e profundamente conectada ao território quilombola do Angelim.

APRENDIZADOS

A experiência é organizada em cinco etapas encadeadas que conduzem o visitante de um primeiro contato acolhedor até um fechamento reflexivo, combinando tempos definidos, deslocamentos curtos e diferentes formas de interação com a comunidade. O percurso começa a

apresentação da identidade quilombola, avança por uma trilha histórica que articula paisagem e memória territorial, aprofunda-se na vivência prática da mandioca na Casa de Farinha, culinária tradicional e se conclui com a memória de lideranças, pelo fortalecimento do turismo comunitário e pela reflexão sobre futuro e resiliência. Ao longo de todo o roteiro, as narrativas transitam entre ancestralidade, coletividade, preservação hídrica, manejo da flora nativa, saberes produtivos, economia local, alimentação orgânica e legado matriarcal, construindo uma experiência profundamente conectada ao território quilombola do Angelim.

SENTIDOS

A experiência se desenvolve em cinco etapas articuladas, começando com a recepção e a apresentação da identidade quilombola, seguindo por uma trilha histórica até o Rio Angelim, aprofundando-se na vivência da mandioca na Casa de Farinha, passando pela valorização da culinária local e encerrando com um momento de reflexão sobre o legado comunitário.

Ao longo do percurso, a narrativa integra acolhimento, ancestralidade, territorialidade, preservação ambiental, trabalho coletivo, saberes produtivos, economia local e resiliência, construindo uma compreensão gradual e integrada do modo de vida do Quilombo Angelim I. O visitante é conduzido por uma experiência que combina contato com a comunidade, leitura da paisagem, participação prática no processo artesanal da mandioca e aproximação com sabores e saberes

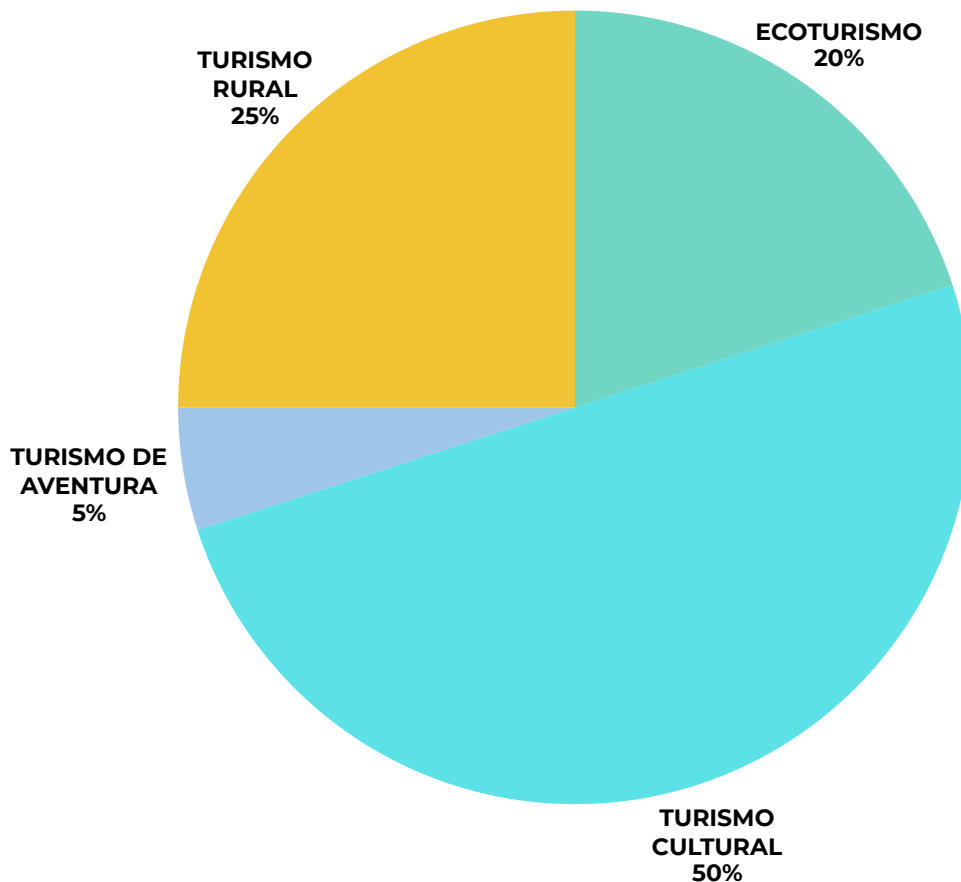
tradicionais, finalizando com a valorização do turismo de base comunitária e da proteção do território.

SENTIMENTOS E EMOÇÕES

Toda essa vivência é desenhada para despertar dez sentimentos e emoções centrais nos participantes, consolidando uma marca afetiva duradoura. A jornada começa com o acolhimento e a curiosidade diante da recepção calorosa e das primeiras

narrativas sobre a comunidade, evoluindo para a empatia e a tranquilidade despertadas pelo contato com o Rio Angelim, a trilha histórica e a força da preservação territorial. À medida que o roteiro avança, surgem a satisfação de participar da produção artesanal, o prazer da degustação dos sabores locais, a admiração pelos saberes ancestrais e a conexão construída com os moradores. O encerramento amplia a inspiração, o pertencimento e o respeito pelo legado quilombola.

LÓGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA



O **Turismo Cultural** é o eixo central de “Memórias e Sabores do Angelim”, porque a experiência se estrutura na história viva do Quilombo Angelim I, na interpretação do território e na valorização de um patrimônio imaterial transmitido entre gerações.

A recepção inicial, as narrativas sobre ancestralidade, organização social e coletividade, a trilha como leitura da memória quilombola e o encerramento com o legado de Dona Dentinha revelam que a vivência não é apenas visitação, mas um mergulho na identidade local.

A Casa de Farinha aparece como espaço simbólico e produtivo, onde o visitante compreende a mandioca como cultura, trabalho e sustento. O beiju, a goiabada, a banana-prata orgânica e a carne de jaca reforçam a culinária como expressão de pertencimento, memória e autonomia comunitária.

O **Turismo Rural** se manifesta na rela o direta com a terra, com a planta o de mandioca, com o pomar comunitário e com o modo de vida do campo. A experiência acontece em ambiente rural, com infraestrutura básica, e convida o visitante a acompanhar o trabalho coletivo que sustenta a comunidade.

O percurso pela trilha, o contato com a vegeta o nativa e a vivência na área produtiva mostram que o território não   cenário, mas base concreta da subsistência e da cultura. A lógica da visita valoriza a hospitalidade, a partilha e a economia,

local, fortalecendo o vínculo entre turismo agricultura familiar e circula o de renda dentro da própria comunidade.

O **Ecoturismo** aparece na dimensão de conserva o ambiental e interpreta o da natureza. A trilha até o Rio Angelim, o manejo florestal com madeiras de lei, a valoriza o da flora nativa e a ênfase na preserva o hídrica mostram um roteiro comprometido com o cuidado ambiental.

O rio surge como elemento vital para a comunidade, tanto por sua importância ecológica quanto por sua fun o simbólica na memória territorial. A experiência estimula a observa o atenta da paisagem e o respeito aos recursos naturais, conectando biodiversidade, uso tradicional da terra e práticas sustentáveis.

O **Turismo de Aventura** surge de forma leve e moderada, sem caráter competitivo. A caminhada pela trilha histórica, o envolvimento prático na produ o artesanal da mandioca e a participa o em atividades como colheita e degusta o introduzem um componente de desafio acessível, baseado no engajamento corporal e na descoberta.

Essa dimensão   acompanhada por forte media o comunitária, o que garante segurança, acolhimento e orienta o ao longo de todo o percurso. Assim, a aventura não se expressa como risco, mas como vivência ativa, curiosa e integradora, em que o visitante participa do cotidiano local e amplia sua compreensão sobre cultura, território e sustentabilidade.

ANALISE DIMENSIONAL DA EXPERIENCIA

Vivência Patrimonial: A experiência é estruturada como uma imersão na história e na identidade do Quilombo Angelim I, valorizando a formação da comunidade, sua organização social e o legado de Dona Dentinha como guardiã de saberes. A trilha interpretativa e a Casa de Farinha funcionam como espaços de memória viva, nos quais a ancestralidade, a luta pela terra e os saberes da mandioca se conectam. O visitante compreende o território como expressão cultural, patrimonial e simbólica de permanência quilombola.

Sustentabilidade Socioambiental: A proposta articula práticas sustentáveis com respeito à cultura local e à gestão comunitária do território. O manejo florestal, a preservação hídrica, o cultivo da mandioca e a agricultura orgânica revelam uma relação equilibrada entre uso e conservação dos recursos naturais. A experiência reduz impactos ao valorizar produção local, trabalho coletivo e economia solidária, ao mesmo tempo em que envolve a comunidade na condução do roteiro. Assim, turismo e sustentabilidade aparecem integrados como parte do cotidiano quilombola.

Atividades Interpretativas: As atividades interpretativas conduzem o visitante por diferentes dimensões do território, combinando caminhada, observação e participação prática. A trilha até o Rio Angelim apresenta a paisagem como elemento histórico e ambiental, enquanto a Casa de Farinha permite acompanhar o processo produtivo da mandioca de forma concreta. A preparação do beiju, a colheita de frutas e a conversa com os anfitriões transformam cada etapa em aprendizado.

Incentivo à Conservação: A conservação é estimulada por meio da sensibilização ambiental e da valorização do território como espaço de vida comunitária. A trilha com espécies nativas identificadas, o cuidado com o Rio Angelim e a explicação sobre o manejo florestal reforçam a importância da proteção ecológica. As práticas tradicionais sustentáveis convidam o visitante a refletir sobre uso responsável da terra e dos recursos naturais, estimulando atitudes conscientes e fortalece vínculos com a preservação.

Valorização da Ruralidade: A ruralidade aparece como base da experiência e como expressão legítima de cultura, trabalho e sociabilidade. O visitante entra em contato com o modo de vida do campo, com a produção artesanal da farinha e do beiju, com o pomar comunitário e com o trabalho coletivo que organiza a rotina local. A presença dos anfitriões, o ambiente simples e autêntico e o vínculo com a terra reforçam o valor do espaço rural, não como cenário, mas como território vivido.

Desafio e Aventura: O componente de aventura surge de forma moderada, associado ao deslocamento pela trilha, à participação nas tarefas da mandioca e ao contato com um ambiente diferente do cotidiano urbano. O esforço físico é leve, mas suficiente para despertar curiosidade e engajamento. A vivência é lúdica e interativa, sem perder o caráter educativo e comunitário, onde o visitante é convidado a experimentar, tocar, observar e aprender, em uma dinâmica que combina descoberta, emoção, convivência e sensação de pertencimento.

PROTOCOLOS

Os protocolos orientam a visita para assegurar segurança, respeito e mínimo impacto. Para os visitantes, recomendam-se roupas leves, calçado fechado, chapéu, água reutilizável, protetor solar, repelente e mochila pequena, além de informar restrições alimentares e condições de saúde. Também se exige pontualidade, escuta atenta, participação respeitosa, consentimento para fotos e cuidado com áreas privadas. No aspecto ambiental, não se deve colher plantas ou frutas sem autorização, deixar resíduos, pisar fora da trilha ou usar produtos químicos agressivos. Para o anfitrião, prevê-se preparação da Casa de Farinha, revisão da trilha, checagem de utensílios, organização do acolhimento, controle do grupo e definição prévia das atividades.

RECURSOS HUMANOS

A experiência é conduzida por uma equipe comunitária enxuta e complementar. O condutor local atua como facilitador principal, conduzindo o grupo, interpretando a história do quilombo, guiando a trilha, explicando a mandioca, mediando interações e garantindo segurança e ritmo adequado. O auxiliar de apoio cuida da logística, prepara espaços, acompanha discretamente a trilha, controla fluxo e resolve imprevistos. A cozinheira ou anfitriã da Casa de Farinha prepara o café, apresenta ingredientes, orienta o preparo do beiju e zela pela higiene. Juntos, esses papéis fortalecem hospitalidade, protagonismo local e transmissão de saberes tradicionais durante toda a vivência.

RECURSOS ESTRUTURAIS

A operação depende de infraestrutura simples, porém funcional. O ponto de encontro precisa oferecer sombra, assentos, espaço para briefing, apoio para mochilas, sinalização básica e, se possível, banheiro e área de estacionamento. A trilha interpretativa deve ter caminho demarcado, pontos de parada, identificação de espécies e locais de contemplação. A Casa de Farinha necessita de cobertura, bancadas, prensas, raladores, forno tradicional, circulação segura e água para higienização. A estrutura de apoio inclui kit de primeiros socorros, comunicação para emergência, recipientes higienizados, utensílios reutilizáveis e materiais educativos e administrativos que organizem visitantes, riscos, registros e funcionamento geral da experiência.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

A experiência tem alto potencial cultural e interpretativo, mas ainda exige melhorias em infraestrutura, capacitação e segurança operacional. A melhor época para visita é de maio a setembro, quando o clima seco favorece trilhas, atividades ao ar livre e maior disponibilidade de mandioca e frutas. Entre outubro e abril, chuvas, calor e insetos podem dificultar o roteiro. O público ideal tem interesse por turismo comunitário, ecoturismo e vivências culturais, boa disposição para escuta e interação, idade a partir de oito anos e condição física leve a moderada. A proposta não é indicada para quem busca luxo, aventura radical ou baixa tolerância a ambientes naturais.



ETS 03: CAMINHOS DA CULTURA PATAXÓ

Essa é uma experiência de imersão cultural em ambiente natural que revela o modo de vida ancestral do povo Pataxó por meio de componentes interativos, interpretativos e gastronômicos.

O título evoca simultaneamente a trilha física percorrida na restinga e o percurso histórico de luta, resistência e reafirmação identitária da comunidade, posicionando o turismo étnico como instrumento de valorização econômica e conservação participativa do patrimônio paisagístico e cultural.

A proposta integra narrativa guiada sobre saberes e costumes, demonstrações práticas de artesanato em cestaria e talha, culinária tradicional com o "Capote" e a degustação da bebida ancestral "Cauim Luá", cujo resgate do cultivo da mandioca é

valorizado como ato de preservação imaterial. A experiência ocorre dentro do Parque Estadual de Itaúnas, conectando aldeia, trilha e praia em um percurso que estimula engajamento, escuta e conexão com a cultura indígena.

As atividades são conduzidas pelos próprios anfitriões Pataxó, especialmente Seu Paulo e Dona Jovem, que compartilham memórias, técnicas e narrativas de resistência territorial.

A experiência tem duração de aproximadamente três horas e trinta minutos, recebe grupos de quatro a dez pessoas, funciona todos os dias mediante agendamento prévio e oferece dois turnos, manhã das oito às onze e trinta ou tarde das quatorze às dezessete e trinta.

ETAPAS

A experiência é estruturada em seis etapas encadeadas que conduzem o visitante desde a chegada ao Parque Estadual de Itaúnas até um encerramento reflexivo na aldeia, combinando deslocamento, escuta, participação e contemplação. O percurso inicia com uma apresentação sobre a unidade de conservação e o contexto histórico da região, seguida de um curto deslocamento até a Aldeia Jacó Pataxó, que funciona como transição simbólica entre o território turístico e o território indígena. Na aldeia, os visitantes são recebidos em um círculo de histórias, onde narrativas sobre migração, resistência e redescoberta da identidade étnica estabelecem a base afetiva da experiência. Em seguida, uma oficina de artesanato revela técnicas ancestrais de cestaria e talha, acompanhada de degustação do mangute tradicional. O ponto de maior imersão ocorre na Trilha do Pescador, que conecta aldeia e praia, combinando interpretação ambiental da restinga com a degustação do *Capote*, peixe assado na brasa. O encerramento apresenta a história e o significado do *Cauim Luá*, consolidando aprendizados, promovendo reflexão e reforçando o convite ao respeito e à continuidade das tradições.

APRENDIZADOS

A vivência proporciona doze aprendizados que ampliam a compreensão do visitante sobre cultura, território e natureza. Os temas abrangem desde a construção da identidade étnico-cultural e as técnicas artesanais tradicionais até as dinâmicas das cadeias produtivas comunitárias e a

organização social interna da aldeia. A experiência também aprofunda o conhecimento sobre ecossistemas costeiros como restinga, dunas e mata de tabuleiro, além das práticas alimentares tradicionais e dos sistemas simbólicos ancestrais que estruturam rituais e expressões culturais. Outros eixos incluem interpretação ambiental, arqueologia regional, dinâmica territorial indígena, patrimônio cultural imaterial e conservação ambiental. Em conjunto, esses aprendizados revelam a interdependência entre identidade, território, biodiversidade e resistência cultural, ampliando a perspectiva do visitante sobre o papel das comunidades tradicionais na preservação do ambiente e da memória coletiva.

SENTIDOS

Os cinco sentidos são ativados ao longo de toda a experiência, criando uma vivência profundamente imersiva. A visão acompanha peças artesanais em cestaria e talha, a paisagem de dunas e restinga, a organização espacial da aldeia, os ingredientes do lanche tradicional e a flora costeira ao longo da trilha. A audição capta as narrativas sobre migração e resistência, os sons da restinga e do vento, os ruídos rítmicos das fibras trabalhadas, as explicações dos anfitriões e os sons do mar na faixa costeira. O tato entra em contato com fibras naturais do artesanato, a areia das trilhas, os objetos confeccionados, a textura da broa de mandioca e a brisa marítima ao se aproximar da praia. O paladar experimenta a broa de mandioca, os sucos naturais de caju e acerola e os sabores do preparo comunitário

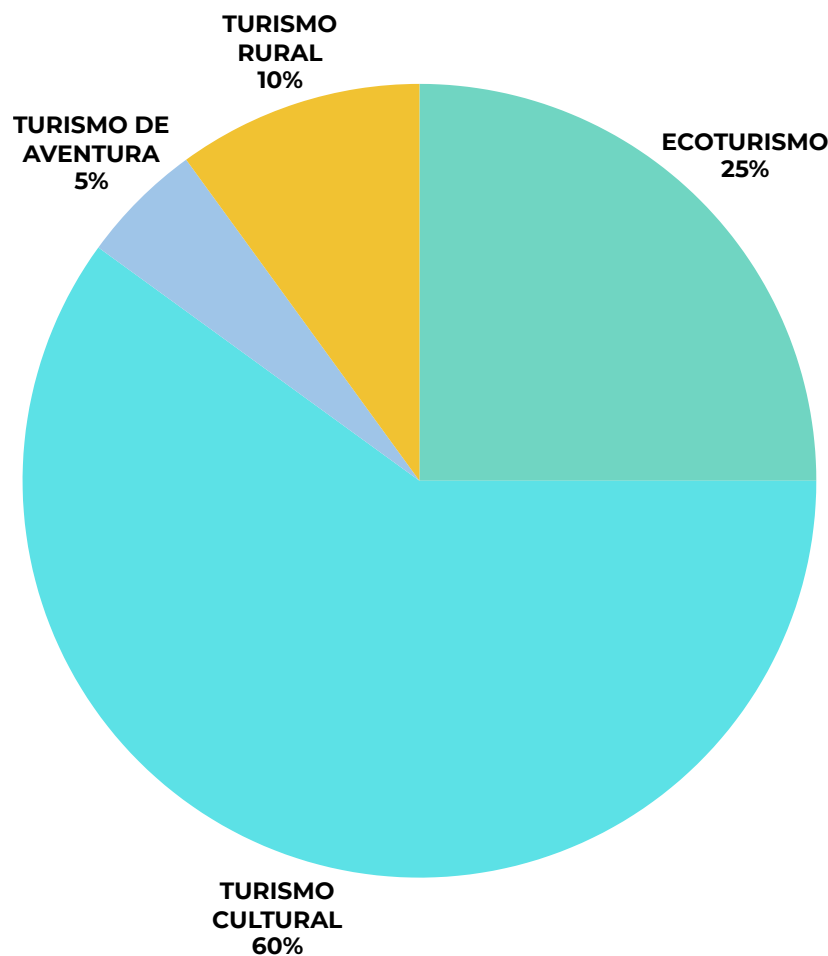
tradicional. O olfato percebe os aromas da restinga, da areia quente, da broa recém-servida, das frutas regionais e das fibras naturais trabalhadas no artesanato.

SENTIMENTOS E EMOÇÕES

A experiência desperta dez sentimentos que constroem uma marca afetiva progressiva e duradoura. O acolhimento surge na chegada ao círculo de histórias, criando integração imediata com a comunidade. A curiosidade é ativada pelas narrativas sobre migração, resistência e

identidade étnica. O respeito emerge ao conhecer as lutas pela permanência no território. A admiração aparece diante do domínio técnico do artesanato em cestaria e talha. A surpresa nasce de detalhes ambientais e naturais inesperados ao longo da trilha. A tranquilidade acompanha a caminhada pela restinga e o contato com a paisagem silenciosa. A conexão se fortalece na degustação do lanche tradicional. A empatia cresce nos relatos pessoais dos anfitriões. O encantamento contempla as dunas e a vegetação costeira. A reflexão encerra a jornada diante do *Cauim Luá*.

LÓGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA



A experiência propõe uma imersão cultural em ambiente natural estruturada em seis etapas encadeadas, com duração total de três horas e trinta minutos, conduzida pelos próprios anfitriões Pataxó dentro do Parque Estadual de Itaúnas. O percurso conecta aldeia, trilha e praia, combinando narrativa oral, demonstração prática, culinária tradicional e contemplação da paisagem costeira, com grupos de quatro a dez pessoas, em dois turnos diários, mediante agendamento prévio.

A lógica interna da experiência é dominada pelo **Turismo Cultural**, que responde por sessenta por cento da composição. Esse eixo se sustenta no patrimônio histórico e imaterial do povo Pataxó, nas narrativas sobre deslocamentos forçados, resistência territorial e reafirmação étnica, e nas práticas de artesanato em cestaria e talha como expressão viva de identidade.

A interpretação patrimonial percorre história, cosmologia, culinária e transmissão oral de saberes, revelando uma comunidade que preserva sua herança por meio do trabalho cotidiano e da memória coletiva.

O **Ecoturismo** ocupa vinte e cinco por cento da composição e se manifesta na caminhada pela Trilha do Pescador, que atravessa vegetação de restinga e mata de tabuleiro até a praia.

Durante o percurso, o anfitrião interpreta a dinâmica das dunas, a biodiversidade local, a coleta sustentável de matérias-primas para o artesanato e a interação histórica entre cultura Pataxó e ecossistemas

costeiros. A experiência demonstra como o modo de vida da comunidade depende diretamente da conservação do território, posicionando os anfitriões como intérpretes ambientais legítimos.

O **Turismo Rural** contribui com dez por cento e se expressa no ritmo próprio da comunidade, na partilha de alimentos elaborados com mandioca e frutas regionais, na observação da organização espacial da aldeia e na hospitalidade genuína dos anfitriões.

A convivência direta e as interações espontâneas durante as atividades aproximam o visitante do cotidiano local, revelando formas de cooperação e sociabilidade características da vida comunitária.

O **Turismo de Aventura**, com cinco por cento, surge de forma leve na caminhada por terreno arenoso e irregular da restinga, na exposição às condições naturais como vento, sol e variações térmicas e na adaptação contínua ao ambiente ao longo do trajeto.

A presença constante do condutor local garante segurança, ritmo adequado e suporte ao grupo durante toda a progressão.

Em conjunto, esses quatro eixos constroem uma proposta integrada que valoriza o turismo étnico como instrumento de geração de renda, preservação cultural e conservação participativa do patrimônio natural e imaterial do território Pataxó no extremo norte do Espírito Santo.

ANALISE DIMENSIONAL DA EXPERIENCIA

Vivência Patrimonial: A experiência mergulha o visitante na história de migração, resistência e reafirmação identitária dos Pataxó por meio do círculo de histórias, da oficina de cestaria e talha e da degustação do mangute. Os anfitriões conduzem cada etapa com protagonismo, compartilhando saberes transmitidos entre gerações e narrativas sobre luta territorial, fazendo o visitante compreender artesanato e culinária como marcadores culturais vivos e patrimônio imaterial ativo.

Sustentabilidade Socioambiental: A trilha demarcada protege a restinga frágil, enquanto a coleta sustentável de fibras demonstra uso consciente dos recursos. Todas as etapas são conduzidas pelos próprios Pataxó, garantindo autenticidade e protagonismo comunitário. A comercialização de artesanato e alimentos gera renda direta para a aldeia, e orientações de descarte adequado reforçam práticas de baixo impacto ambiental ao longo de todo o percurso.

Atividades Interpretativas: A oficina de cestaria permite contato com técnicas ancestrais de trançado, enquanto a trilha pela restinga estimula identificação de espécies e leitura da paisagem costeira. A degustação do mangute e as explicações sobre o *Cauim Luá* traduzem alimentação em expressão cultural. Narrativas sobre dunas, cipó e ecossistemas ampliam a compreensão das relações entre cultura Pataxó e território natural ao longo do percurso.

Incentivo à Conservação: A trilha revela a fragilidade da restinga, enquanto os anfitriões explicam limites de circulação, áreas sensíveis e técnicas de coleta responsável. Orientações sobre descarte correto e uso consciente do território moldam comportamentos responsáveis. A observação das práticas sustentáveis da própria comunidade e as narrativas sobre ecossistemas costeiros inspiram o visitante a adotar posturas mais conscientes em relação ao ambiente natural no cotidiano.

Valorização da Ruralidade: O ritmo próprio da aldeia, a partilha de alimentos tradicionais e a organização coletiva do espaço revelam um cotidiano rural autêntico. O visitante observa práticas alimentares baseadas em mandioca e frutas locais e percebe como a comunidade organiza a vida em relação direta com o território. A recepção calorosa e as conversas espontâneas reforçam a hospitalidade como traço estrutural da vida rural indígena.

Desafio e Aventura: A caminhada pela restinga, com solo arenoso instável, exposição ao sol e variações térmicas, exige adaptação contínua e equilíbrio. O engajamento nas oficinas artesanais e os estímulos sensoriais diversificados completam uma dimensão de descoberta ativa. A aventura não é radical, mas progressivamente transformadora, combinando esforço físico acessível, cooperação entre participantes e imersão sensorial em um ambiente costeiro distinto do cotidiano urbano.

PROTUCOLOS

Os visitantes devem usar roupas leves, calçado fechado, chapéu e camiseta extra. Entre os itens recomendados estão garrafa reutilizável, protetor solar e repelente biodegradáveis, mochila pequena, toalha e saco para resíduos. As orientações de segurança exigem permanência no grupo, cuidado em terreno arenoso, comunicação prévia de alergias e limitações físicas. Ambientalmente, proíbe-se coletar plantas, sair da trilha, alimentar animais e deixar resíduos. Para o anfitrião, prevê-se revisão da trilha, organização do espaço de recepção, separação dos materiais da oficina, confirmação do grupo e verificação das condições climáticas antes do início das atividades.

RECURSOS HUMANOS

A experiência é conduzida por quatro perfis complementares. O condutor Pataxó lidera todo o percurso, interpreta o território, aplica orientações de mínimo impacto e responde por emergências. O artesão demonstra técnicas de cestaria e talha, orienta visitantes na manipulação de fibras e explica os significados culturais das peças. O anfitrião comunitário recebe o grupo, apoia a logística e monitora o fluxo entre etapas. O pescador Pataxó conduz a atividade do peixe na praia, explica técnicas ancestrais de pesca sustentável e garante segurança na área costeira. Todos devem ser moradores da comunidade.

RECURSOS ESTRUTURAIS

A experiência requer infraestrutura simples e funcional distribuída em quatro espaços. A área de recepção na aldeia precisa de cobertura, assentos básicos e local sombreado para hidratação. A trilha na restinga deve estar livre de obstáculos, com pontos de parada definidos. A oficina de artesanato exige espaço coberto, bancada, assentos e área para exposição das peças. A área de praia necessita de trecho seguro e delimitado para demonstração. A segurança inclui kit de primeiros socorros, celular carregado, mapa da trilha e recipiente de água extra. A infraestrutura gastronômica abrange utensílios para degustação tradicional e serviço do peixe assado.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

A experiência tem forte potencial cultural e ambiental, mas opera sem estrutura formalizada e exige muitos ajustes de organização e segurança. A melhor época é de junho a setembro, com clima mais seco, temperaturas amenas entre vinte e sete graus, mar mais estável e menor atividade de mosquitos. Entre outubro e maio, chuvas, calor e turismo de massa comprometem a qualidade da experiência. O público ideal tem interesse por cultura indígena, ecoturismo leve e práticas tradicionais, faixa etária a partir de oito anos e condição física baixa a moderada. Não é indicada para quem busca aventura intensa ou infraestrutura sofisticada.



ETS 04: CIRCUITO RAÍZES ITAUNENSES

Trata-se de um roteiro de ecoturismo, cultura e aventura que percorre aproximadamente dez quilômetros dentro de uma unidade de conservação, integrando caminhada interpretativa por ecossistemas de restinga e dunas com a valorização do patrimônio arqueológico e histórico-paisagístico da região.

O título articula três camadas simbólicas: o formato de circuito, que remete ao desafio físico do percurso; a palavra "raízes", que evoca tanto a vegetação da restinga, essencial à fixação das dunas, quanto a profundidade histórica de sítios arqueológicos e da vila soterrada; e o gentílico "Itaunenses", que confere identidade territorial e pertencimento.

A proposta combina narrativas sobre dinâmica geológica costeira,

biodiversidade e sucessivas ocupações humanas, articulando educação ambiental, identificação de rastros de fauna, patrimônio arqueológico pré-colonial e saberes tradicionais de comunidades pescadoras, quilombolas e de agricultores familiares.

A experiência ocorre no Parque Estadual de Itaúnas, com início às seis horas e trinta e encerramento previsto para as doze e trinta, totalizando seis horas de atividade. Os grupos têm entre dois e dez participantes, com funcionamento diário mediante agendamento prévio.

O percurso conecta trilhas, dunas, praia, sítios arqueológicos e o centro de visitantes, encerrando com uma reflexão coletiva sobre conservação, memória e identidade territorial.

ETAPAS

A experiência é organizada em onze etapas que partem do briefing inicial na entrada da Trilha das Borboletas e percorrem diferentes ambientes até o encerramento no centro de visitantes.

O percurso começa com apresentação do roteiro, normas e contextualização do parque, seguida por quatro quilômetros de travessia da restinga com leitura ambiental das formações vegetais, alagados e memórias de famílias que habitaram o território. Em seguida, o grupo realiza identificação prática de pegadas e espécies, seguida de pausa com alimentos de comunidades locais. A quinta etapa percorre a Trilha do Buraco do Bicho, com sítios arqueológicos e vestígios telegráficos históricos. O grupo avança pela Trilha do Pescador, observando gradientes ecológicos entre mata, restinga e litoral. A sétima etapa inclui parada nas bateiras, com reflexão sobre pesca artesanal.

O percurso segue pelas dunas superiores, com interpretação geológica, arqueológica e histórica, até a Trilha do Tamandaré, que revela a casa remanescente da antiga vila. O encerramento acontece no centro de visitantes.

APRENDIZADOS

A vivência proporciona doze aprendizados que ampliam a compreensão dos visitantes sobre natureza, história e cultura. Os conteúdos abrangem formações de restinga em moitas e arbustos, funções ecológicas dos alagados, interpretação de rastros de fauna, adaptações vegetais ao

estresse hídrico e transições entre mata de tabuleiro e restinga. Também são trabalhados processos costeiros holocênicos, vestígios arqueológicos de sítios pré-coloniais, tradições pesqueiras artesanais e conservação ambiental pela estabilização das dunas.

Dois eixos complementares exploram interações ecológicas entre flora e fauna e a produção artesanal de alimentos como expressão sustentável das comunidades locais, revelando a interdependência entre ecossistemas costeiros, ocupações humanas e práticas culturais que moldaram o território.

SENTIDOS

Os cinco sentidos são ativados ao longo do percurso, criando uma experiência imersiva e diversificada. A visão acompanha formações de restinga arbórea, dunas móveis, áreas alagadas, vestígios arqueológicos, a casa remanescente da antiga vila, bateiras de pesca, troncos históricos e os painéis do centro de visitantes. A audição capta o vento atravessando dunas e moitas, cantos de aves adaptadas a zonas abertas, o escoamento de água em áreas úmidas, narrativas orais sobre memória territorial e o som distante do mar em pontos elevados. O tato percebe a areia fina e quente das dunas, a areia úmida compactada nos brejos, a textura cerosa de folhas da restinga e variações de temperatura ao atravessar ambientes abertos. O paladar experimenta alimentos regionais na pausa da trilha, como frutas nativas e produtos derivados da mandioca.

O olfato capta aromas da vegetação resinosa, solos úmidos, maresia e matéria orgânica em decomposição nos brejos.

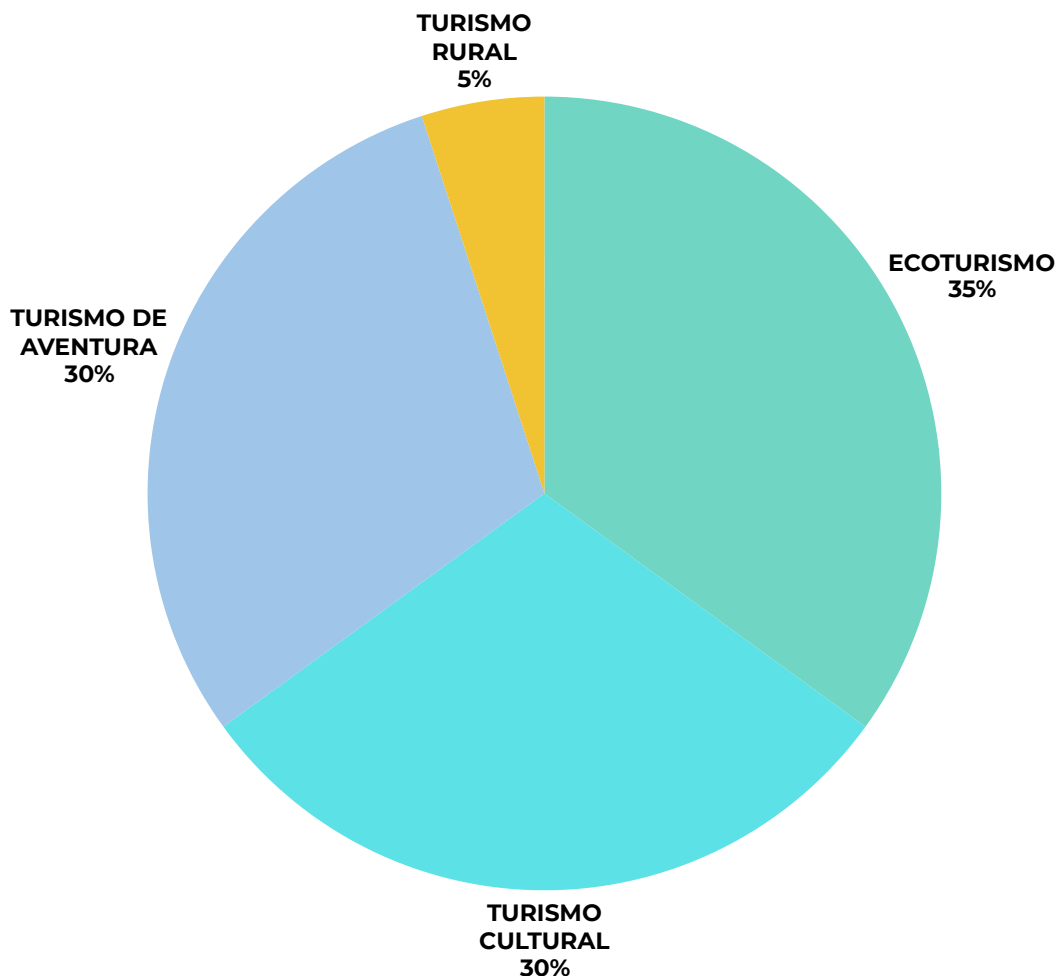
SENTIMENTOS E EMOÇÕES

A experiência desperta nove sentimentos que constroem uma jornada afetiva progressiva e singular. O desafio atravessa toda a caminhada, impulsionado pelo esforço físico em terrenos variados. O encantamento surge na travessia da restinga, diante da complexidade dos

ecossistemas. A descoberta se manifesta na identificação prática de pegadas como habilidade concreta. A conexão emerge na pausa alimentar, ao vivenciar a relação entre agricultura familiar e cultura local.

A surpresa aparece na Trilha do Buraco do Bicho, entre lendas e vestígios. A reflexão surge ao interpretar as dunas e o soterramento da antiga vila. A imersão acompanha as transições entre ambientes naturais. O fascínio emerge diante dos sítios pré-cerâmicos. A satisfação encerra a jornada no centro de visitantes.

LÓGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA



A experiência é estruturada em quatro eixos temáticos que se combinam para formar uma experiência interpretativa, cultural e física realizada integralmente dentro de uma unidade de conservação. O ecoturismo representa trinta e cinco por cento da proposta e constitui sua espinha dorsal, enquanto o turismo de aventura e o turismo cultural dividem igualmente trinta por cento cada um, e o turismo rural completa a composição com cinco por cento restantes.

O eixo do **Ecoturismo** sustenta toda a lógica da experiência por meio da conservação do patrimônio natural, da interpretação ambiental e do bem-estar social. O percurso ocorre inteiramente no Parque Estadual de Itaúnas, protegendo restingas, dunas móveis, alagados e manguezais. A leitura da paisagem natural inclui explicações sobre moitas, áreas alagadas, gradientes ecológicos e dinâmica costeira, enquanto a identificação prática de pegadas e rastros traduz processos ecológicos em aprendizado concreto.

O consumo de alimentos produzidos por agricultores, pescadores e quilombolas da região conecta o visitante à economia local e reforça a relação das comunidades com o território protegido.

O **Turismo de Aventura** impõe desafio físico significativo por meio de uma caminhada extensa em terrenos arenosos, dunas de até trinta metros de altura e ambientes em constante variação de luminosidade e umidade. O esforço contínuo ao longo do percurso gera sensação progressiva de superação,

especialmente nos pontos mais elevados das dunas. As pausas nas bateiras e os momentos contemplativos equilibram o esforço físico com experiências sensoriais e recreativas, enquanto o briefing inicial e o controle do percurso pelo guia garantem segurança e organização ao longo de toda a atividade.

O **Turismo Cultural** articula patrimônio histórico, interpretação patrimonial e identidade comunitária. Os sítios arqueológicos das tradições *Itaipu* e *Tupiguarani*, os vestígios da linha telegráfica do século dezenove, as narrativas sobre o soterramento da antiga vila e as lendas transmitidas oralmente pelos moradores compõem uma camada histórica densa e diversificada.

O Centro de Visitantes encerra a jornada consolidando esses conteúdos por meio de maquetes, painéis e fotografias que recriam o cotidiano da vila soterrada e apresentam a diversidade étnica das comunidades locais, como pescadores, quilombolas e indígenas.

O **Turismo Rural**, embora minoritário na composição, aparece na memória do trabalho agrícola, no contato com a história das casas de farinha e no consumo de alimentos produzidos por famílias rurais locais.

A presença da antiga prensa de Pequi com mais de cento e cinquenta anos e as práticas tradicionais de produção de farinha conectam o visitante a saberes transmitidos entre gerações, revelando como campo, natureza e cultura se entrelaçam neste território costeiro singular.

ANALISE DIMENSIONAL DA EXPERIENCIA

Vivência Patrimonial: A experiência constrói vivência patrimonial por meio da interpretação da antiga vila soterrada, dos sítios arqueológicos pré-coloniais e das lendas locais. Narrativas sobre o soterramento, o cotidiano da comunidade e a diversidade étnica de pescadores, quilombolas e indígenas transformam memória em aprendizado ativo. O contato com a antiga prensa de farinha e o centro de visitantes consolida a compreensão do patrimônio histórico e paisagístico do território.

Sustentabilidade Socioambiental: A proposta opera integralmente dentro de uma unidade de conservação, com trilhas demarcadas, conduta rigorosa e práticas de mínimo impacto. O consumo de alimentos produzidos por agricultores, pescadores e quilombolas fortalece a economia local. As orientações sobre recolhimento de resíduos, controle de ruído e permanência nos caminhos autorizados demonstram como visita responsável e conservação ambiental podem coexistir de forma equilibrada e educativa.

Atividades Interpretativas: A leitura de rastros de fauna na areia úmida traduz ecologia em prática concreta. A pausa sensorial revela o equilíbrio da restinga, enquanto o contato com a antiga prensa de farinha conecta o visitante aos saberes produtivos locais. Narrativas sobre as moitas, os alagados, a formação das dunas e os cordões arenosos costeiros ampliam a compreensão dos processos naturais e históricos que moldaram o território ao longo do tempo.

Incentivo à Conservação: A fragilidade do ecossistema é abordada diretamente nas dunas, onde a ausência de vegetação gerou o soterramento da antiga vila. A síntese final no centro de visitantes conecta manguezal, restinga e dunas como sistemas interdependentes. O visitante pratica gestão de resíduos, disciplina na trilha e silêncio ativo, internalizando comportamentos responsáveis por meio de exemplos reais e da consciência sobre o impacto humano no ambiente protegido.

Valorização da Ruralidade: A ruralidade aparece nos vestígios de antigas casas e roçados na restinga, na observação das bateiras e técnicas de pesca artesanal e na degustação de alimentos produzidos por comunidades locais. A prensa de Pequi com mais de cento e cinquenta anos e a figura de Seu Tamandaré humanizam a história. O consumo de produtos de agricultores, quilombolas e pescadores reforça a economia familiar e a conexão entre campo, natureza e cultura.

Desafio e Aventura: A caminhada de aproximadamente dez quilômetros por areia fofa, dunas de até trinta metros e terrenos variados exige resistência física, equilíbrio e autogestão contínua. A adaptação à luminosidade, ao calor e às mudanças de ambiente cria desafios sensoriais e motores progressivos. A coesão do grupo, a disciplina nas trilhas e a persistência necessária para completar toda a jornada promovem crescimento pessoal, resiliência e sensação genuína de conquista ao final.

PROTUCOLOS

Os visitantes devem usar roupas leves, camiseta dry-fit, calça de trekking e calçado fechado com solado aderente. Itens recomendados incluem protetor solar de alto fator, repelente, chapéu com aba larga, óculos polarizados, garrafa com mínimo de um litro e meio, mochila de ataque e saco estanque para eletrônicos. As orientações de segurança exigem permanência na trilha demarcada, caminhada em grupo, respeito aos limites físicos e distância da fauna. Ambientalmente, proíbe-se coletar elementos naturais, desperdiçar água e gerar resíduos. O anfitrião deve realizar vistoria periódica da trilha, confirmar logística do lanche com produtores locais e verificar kit de primeiros socorros antes de cada saída.

RECURSOS HUMANOS

A experiência é conduzida por três perfis complementares. O condutor líder é responsável por liderar o grupo em todo o circuito, realizar o briefing detalhado, executar interpretação ambiental e patrimonial profunda, narrar histórias e lendas locais, gerenciar a logística do lanche e tomar decisões em emergências. Deve possuir credenciamento como guia de turismo, certificação em primeiros socorros em áreas remotas e condicionamento físico elevado. O condutor auxiliar atua no fechamento do grupo, apoia atividades práticas e transporta equipamentos extras. O motorista realiza transporte seguro até o início da trilha, com habilitação categoria D ou E e experiência em estradas de terra.

RECURSOS ESTRUTURAIS

A infraestrutura física abrange quatro espaços principais. As trilhas e dunas requerem traçado demarcado, sinalização rústica com indicação de direção, áreas de sombra natural para descanso e acesso aos pontos de observação panorâmica. O ponto de apoio nas bateiras necessita de área segura e estável para descanso contemplativo. A Casa do Tamandaré demanda preservação estrutural, área limpa para circulação e espaço para observação da prensa histórica. O Centro de Visitantes oferece estacionamento, banheiros, bebedouros e exposição com painéis interpretativos. Para segurança, são necessários kit de primeiros socorros específico para áreas remotas, rádio comunicador, mapa topográfico e apito de emergência.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

A experiência apresenta alta viabilidade logística e menor custo de implementação entre as propostas mapeadas, pois os espaços físicos já estão em funcionamento com demanda intensa na alta temporada. No entanto, os atuais condutores não cumprem diretrizes de segurança e qualidade, resultando em subutilização do potencial educativo e interpretativo dos atrativos. A melhor época vai de maio a setembro, com temperaturas entre vinte e vinte e seis graus, clima seco e menor risco de chuvas. O público ideal tem condição física moderada, interesse em história, arqueologia e cultura local, a partir de oito anos. Não é recomendado para pessoas sedentárias, com problemas articulares ou cardíacos graves.

CONCLUSÃO

A consultoria estruturou quatro produtos turísticos autênticos, resultantes de uma análise prática e detalhada que envolveu inventário, diagnóstico, hierarquização de atrativos, observação em campo e participação comunitária. A seleção equilibrou o uso histórico local (como a canoagem e as trilhas) e a representatividade cultural, incluindo comunidades quilombolas e indígenas que, apesar dos desafios de conservação, destacam-se pela singularidade de seus elementos.

As experiências propostas possuem caráter abrangente e baseiam-se no potencial do destino, não sendo exclusivas de um único prestador de serviços. Elas podem ser operacionalizadas por diversos atores do setor, incentivando a adaptação criativa, mas exigindo a estrita observância dos protocolos estruturais e de recursos humanos. Para receber a chancela do Comitê Gestor PROTURES Itaúnas, os investimentos em infraestrutura e a capacitação das equipes são obrigatórios.

A metodologia fundamenta-se na engrenagem interna do turismo e na análise detalhada das seis dimensões da experiência, que se desdobram em dezoito evidências. Essa estrutura analítica revela a vasta gama de possibilidades de uma vivência multifacetada, não impondo a exploração simultânea de todos os temas, mas maximizando o potencial de cada atrativo. O objetivo é criar um conteúdo denso e valioso que oriente a entrega do serviço e diferencie o produto no mercado.

A concretização dessas experiências com alto padrão de qualidade exige atenção constante aos recursos humanos e estruturais. A excelência operacional depende do respeito e do aprimoramento contínuo desses elementos, garantindo a conformidade legal e a adoção das melhores práticas. A qualificação profissional e a adequação da infraestrutura são pré-requisitos para proporcionar vivências seguras e memoráveis.

O desenvolvimento do destino é um processo contínuo, e a evolução técnica deve acompanhar o amadurecimento dos empreendedores, elevando a qualidade final das experiências. Por isso, é condição indispensável o treinamento e a qualificação contínuos dos empreendedores, com ênfase rigorosa no Sistema de Gestão de Segurança. A documentação de protocolos, muitas vezes vista como mera burocracia, é uma resposta direta à atual demanda de mercado.

A adaptação será gradual, permitindo que os empreendedores amadureçam suas operações e incorporem as normas técnicas para garantir a integridade e a qualidade dos serviços prestados.

Para viabilizar essa transição na Fase 2, o projeto propõe mentorias direcionadas em Experiências Turísticas Sustentáveis (ETS), alinhadas com o Sistema de Gestão de Segurança (SGS). Essa oportunidade estende-se a todos os segmentos, incluindo os bugueiros, que poderão organizar seus roteiros em etapas, contextualizar seus produtos e aprimorar a logística e a segurança, agregando valor ao seu serviço.

A metodologia, embora detalhada, é estratégica. Ela funciona como uma lente de aumento que permite ao empreendedor enxergar a experiência turística em sua totalidade, compreendendo todas as suas nuances e possibilidades.

O planejamento segmentado identifica lacunas, corrige falhas e aprimora os aspectos que agregam valor real ao visitante. Essa visão ampla e integrada maximiza o potencial da atividade, garantindo um produto robusto e livre de improvisos.

Esse rigor no planejamento é o alicerce para a construção de uma Experiência Turística Sustentável. Trata-se de um modelo prático que busca o equilíbrio real entre os impactos ambientais, sociais e econômicos da atividade. A aplicação da

metodologia assegura a conservação da biodiversidade, o uso consciente dos recursos naturais, a equidade social, a valorização da cultura anfitriã e a viabilidade econômica, priorizando sempre a rede de produção local.

A implementação deste modelo visa posicionar Itaúnas no cenário internacional do turismo. Alinhando o destino às tendências globais de autenticidade e responsabilidade, eleva-se o padrão da oferta turística da região.

Em um território singular, conectado a uma unidade de conservação e regido por regras de proteção ambiental, essa profissionalização é decisiva. Ela transforma restrições legais em diferenciais competitivos, consolidando Itaúnas como referência em turismo de natureza e de base comunitária.



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABNT. **ABNT NBR ISO 20611: Turismo de aventura – Boas práticas de sustentabilidade** – Requisitos e recomendações. Rio de Janeiro, 2021.

ABNT. **ABNT NBR ISO 21103: Turismo de aventura – Informações para participantes e requisitos de informação para operadores.** Rio de Janeiro, 2021.

ABNT. **ABNT NBR ISO 3021: atividades de caminhada e caminhada de longo curso** - Requisitos e recomendações. Rio de Janeiro, 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: Marco Conceitual do Ecoturismo.** Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: Marcos Conceituais do Turismo Cultural.** Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de Aventura: Marcos Conceituais do Turismo de Aventura.** Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Rural: Marcos Conceituais do Turismo Rural.** Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo; SEBRAE. **Tour da Experiência: manual de orientação.** Brasília, DF: Ministério do Turismo; Sebrae, [2006?].

BURTON, R. Thomas Cook: **150 Years of Popular Tourism.** London: John Murray, 1991

COHEN, E. **A Phenomenology of Tourist Experiences.** *Sociology*, v. 13, n. 2, p. 179-201, 1979.

LAWSON, B.; DORST, K. **Design Expertise.** London: Routledge, 2013.

PINE II, B. J.; GILMORE, J. H. **The Experience Economy: Work Is Theater & Every Business a Stage.** Updated Edition. Boston: Harvard Business Review Press, 2011.

RODRIGUES, J. M.; PIRES, A. R. **O Turista 4.0: A Transformação Digital no Turismo.** *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, n. 53, p. 5-20, 2019.





SEU PASSO CONECTADO AO PRÓXIMO

CONNECTE-SE

**Transformando o Turismo de Natureza em uma
ferramenta de Responsabilidade Socioambiental**

Espírito Santo | Brasil

@subhikebrasil



REALIZAÇÃO



APOIO



EXECUÇÃO

